

magistério

educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/revista-magisterio

Nº10 – 2020

PUBLICAÇÃO DA COORDENADORIA PEDAGÓGICA DA SME PARA OS EDUCADORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO

EDUCOMUNICAÇÃO

Estudante tem Voz





PREFEITURA DE SÃO PAULO

EDUCAÇÃO

PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
BRUNO COVAS

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO
BRUNO CAETANO

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO
DANIEL FUNCIA DE BONIS

CHEFE DE GABINETE
PEDRO RUBEZ JEHA

COORDENADORA PEDAGÓGICA
MINÉA PASCHOALETO FRATELLI

COORDENADORA PEDAGÓGICA
DANIELA HARUMI HIKAWA

DIRETOR DO NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO
WAGNER BARBOSA DE LIMA PALANCH

EQUIPE TÉCNICA
CARLOS ALBERTO MENDES DE LIMA

magistério

**PUBLICAÇÃO DA COORDENADORIA PEDAGÓGICA DA SME PARA
OS EDUCADORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO**

CRIAÇÃO
ALFREDO NASTARI

COORDENADORA DO CENTRO DE MULTIMEIOS
MAGALY IVANOV

ARTE
NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE | CM | COPED | SME
ANA RITA DA COSTA
ANGÉLICA DADARIO
CASSIANA PAULA COMINATO
FERNANDA GOMES PACELLI
SIMONE PORFIRIO MASCARENHAS

PESQUISA ICONOGRÁFICA
MEMORIAL DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL

REVISÃO TEXTUAL
ROBERTA CRISTINA TORRES DA SILVA

ILUSTRAÇÃO CAPA E CARICATURAS
ONÉZIO CRUZ

Arte Educador e professor de Artes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo
com atuação em Guaianases e Cidade Tiradentes.

SUMÁRIO

EDITORIAL	3
EDUCOM PORTA LARGA PARA O MUNDO	5
EDUCAÇÃO CIDADÃ A PARTIR DO JORNALISMO	9
EDUCOMUNICAÇÃO COMO ABORDAGEM CRÍTICA NO TRABALHO COM TECNOLOGIAS PARA APRENDIZAGEM.....	12
EDUCOM.RÁDIO	15
CINEMA E EDUCAÇÃO	20
EDUCOMUNICAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO.....	23
O GUARANI NAS ONDAS DO RÁDIO.....	26
EDUCOMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO.....	31
LINHA DO TEMPO - EDUCOM	36
RECONHECIMENTO INTERNACIONAL.....	38
EDUCOMUNICAÇÃO: O QUE É E COMO APLICAR NA SUA AULA	40
SEM DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS!.....	43
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA	50
RELATO 1.....	55
RELATO 2.....	60
ENTREVISTA	63
ACONTECEU NA REDE	65

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Magistério / Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria
Pedagógica.— n. 10 (2020). — São Paulo : SME / COPED, 2020.

64p. : il. color
ISSN 2358-6532

1. Educação — Periódicos. 2. Educomunicação. 3. Tecnologias para
aprendizagem. I. Título.

CDD 371.3

Código da Memória Documental: SME 146/2020
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede — CRB-8/5877

Editorial



Estudante tem voz!

Oportunizar e permitir. Não poderia começar esse editorial com outras palavras. Desde que começamos a discussão para a construção do Currículo da Cidade, em 2017, não víamos outro lugar para nossos estudantes que não o de autores de suas histórias.

Esse lugar só é possível se nós, adultos, nos colocarmos à margem. Não como meros expectadores, mas como aqueles que criam oportunidades e permitem erros e acertos, oferecem espaço para que os estudantes expressem seus pontos de vista e exerçam, de fato, o protagonismo. Isso tudo permeado de muita escuta ativa.

Os profissionais da educação são os elos mediadores do processo. São os animadores e construtores dos diálogos dos projetos na escola. A dedicação de colocar e firmar meninas e meninos no centro das decisões de escolha dos conteúdos de interesses e das formas de expressão pela mídia transforma estes profissionais em militantes do direito à comunicação democrática e participativa na comunidade escolar.

Essa é a premissa dos projetos de educomunicação desenvolvidos na Rede Municipal de Ensino. Projetos que têm como fundamento básico a proposição do diálogo permanente dos estudantes com a comunidade escolar.

Por meio de proposições, como Rádio Escolar, Produção Audiovisual, Cinema, Fotografia, Comunicação pelas Redes Sociais, Jornal Mural e Impresso, História em Quadrinhos, Fanzine, Agências de Notícias, dentre outros, crianças, adolescentes e jovens, estudantes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, desenvolvem o seu direito à comunicação democrática e responsável. Elas e eles, coletivamente, constroem suas produções com propósito de intervenção social nas suas comunidades, como campanhas, difusão de iniciativas educacionais, promoção de cultura de paz com e pela comunicação para apoiar o convívio escolar, utilizando uma comunicação bem peculiar: estudante falando com/para estudante.

Nesse percurso, estudantes produzem e realizam a leitura crítica da mídia alinhada à Matriz de Saberes, e suas produções contribuem para promoção da educação para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável nas comunidades escolares.

As iniciativas para construir uma cultura educomunicativa na Rede só são possíveis por meio da formação continuada dos profissionais da Educação. Desde 2001, com a implantação do Projeto Educom.Rádio, a Rede Municipal de Ensino tem recebido em seus territórios especialistas em

Educomunicação para ampliar o repertório das linguagens de comunicação e suas tecnologias com o propósito de fortalecer o protagonismo das crianças e adolescentes e conectar a escola a uma pedagogia freiriana, que respeita o valor da pluralidade dos sujeitos na escola.

Os estudantes educadores são nossos parceiros. Um exemplo notável foi a participação na maior pesquisa sobre o que pensa o estudante sobre Educação no país. Em 2017, estudantes do Programa Imprensa Jovem organizaram uma consulta pública que reuniu 43.655 estudantes que puderam falar o que pensam sobre educação e escola. Pela primeira vez na Rede, o Currículo da Cidade promoveu o pensamento do estudante, incluindo os dados da pesquisa como referência ao trabalho pedagógico dos professores.

O reconhecimento da prática de Educomunicação na Rede é inegável. Seja pela inspiração da criação de lei municipal, pelo impacto na diminuição da violência nas escolas, pelos prêmios nacionais e internacionais conquistados, pela referência no Brasil com a Alfabetização Midiática Informacional, segundo a Unesco.

A construção de uma proposta de educação que inova pela solidariedade e a parceria entre estudantes e professores mediada pelos princípios da democracia são os lemas da educomunicação, uma proposta que tem força e capacidade de oferecer um paradigma de educação pública que rompe barreiras, rumo a uma educação de qualidade a todos.

Equipe COPED

EDUCOM porta larga para o mundo



Brilho nos olhos. Esse é um dos termos que, talvez, sintetize o que as vivências educacionais provocam em estudantes e professores que se envolvem em diferentes iniciativas de comunicação na escola. Trata-se de um sentimento que parece (re)estabelecer o sentido entre a escola e o anseio por expressão e descoberta por parte do corpo docente e discente, que encontram nas práticas de educação uma forma de ampliar horizontes, ressignificar as relações que se dão na escola e se tornarem agentes de transformação da realidade.

Ao longo de 18 anos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, a proposta de educação foi mais do que uma prática pedagógica, a partir da comunicação, mas, sobretudo, um espaço para o autodesenvolvimento e transformação pessoal de inúmeros estudantes, professores e gestores da Rede que ansiavam por abordagens mais humanas e capazes de contribuir para a superação de problemas complexos no âmbito escolar, como a violência, a necessidade de experimentação de novas metodologias, a ressignificação da escola e de seus vínculos.

Este texto pretende, portanto, apresentar alguns personagens dessa história de transformação. Estudantes, professores e gestores que se sentiram inspirados e mobilizados ao terem contato com a prática educacional.

Experiências educacionais

Comunicativa desde criança, Gabriela Vallim, 25 anos, hoje jornalista, que trabalha com comunicação corporativa em multinacional, foi integrante de projetos de educação da Rede entre os anos de 2009 e 2012. Quando era estudante da EMEF CEU Azul da Cor do Mar, na zona leste de São Paulo, sua mãe, professora de um CEU, soube da existência de um jornal escolar e acreditou que poderia ser uma boa alternativa para o seu desenvolvimento pessoal e social, uma vez que Gabriela sempre teve facilidade para se comunicar.

“As atividades eram divididas em dois momentos, a teoria e, posteriormente, a prática. Tínhamos a

oportunidade de aprender conceitos sobre rádio escolar, jornal impresso, blogs e entrevistas, desde como fazer, o que é e qual impacto nas minhas aprendizagens, além da parte prática, quando colocávamos esse aprendizado em ação, por meio do desenvolvimento de produtos finais, como a rádio na escola durante o intervalo, jornal para circulação no bairro e blog para divulgar nossa cobertura nos eventos. A grade de atividades ocorria sempre com a orientação, estímulo e engajamento dos professores, como formadores e facilitadores desse nosso processo de construção coletiva do conhecimento”, afirma Gabriela.

Foi a vivência nos projetos escolares de educação que aguçou a curiosidade de Gabriela e seu desejo por aprender sempre. “A vivência com Educom despertou em mim a fome pelo conhecimento, me ensinou que aprender poderia ser divertido, por meio de elementos que me estimulavam e dialogavam com a minha realidade. Ter entrevistado a empreendedora local, dona da lanchonete em que eu comprava doces, me ensinou sobre finanças e economia colaborativa, assim como ter feito a cobertura jornalística de eventos como o Campus Party me ensinou sobre tecnologias, novas mídias e carreira. Todo esse conhecimento expandiu meus horizontes sobre o significado de aprender e me inspirou a sonhar com a construção de uma carreira de sucesso em áreas que, anteriormente, eu até desconhecia”, diz ela.

Gabriela, além de trabalhar como jornalista, tornou-se uma profissional de educação. Oferece formações e palestras para professores e estudantes da área de educação, algumas em parcerias com organizações da sociedade civil, coletivos e startups, inter-relacionando o tema com relações étnico-raciais, diversidade e juventudes. No âmbito pessoal, Gabriela acredita que a educação foi um espaço importante para o início da consolidação de um ideal de vida:

“A educação me permitiu visualizar um futuro que, naquela época, era apenas possível no meu sonho, me conectou com pessoas que me ensinaram ferramentas e caminhos para meu desenvolvimento, além de acompanhamento na minha jornada, que passei a vislumbrar a partir das experiências vividas pela participação no projeto. Tenho orgulho por

A vivência com Educom despertou em mim a fome pelo conhecimento, me ensinou que aprender poderia ser divertido, por meio de elementos que me estimulavam e dialogavam com a minha realidade.

ter feito parte, satisfação por me permitir compartilhar esse conhecimento com outros, como o convite que recebi da UNESCO para apresentar minha monografia sobre o tema em uma das edições da *Games for Change*, nos EUA, em um dos maiores eventos de tecnologia e games de impacto social”, diz ela.

Também o jornalista Douglas Calixto, de 29 anos, que é mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, participou do Educom.rádio durante os anos finais do Ensino Fundamental. Foi convidado para participar do projeto porque era presidente do Grêmio Estudantil e pelo interesse em jornalismo e comunicação, existente desde aquela época.

Douglas destaca a formação cidadã como principal contribuição do Educom.rádio para sua vida, pois nesse contexto aprendeu a discutir e debater os acontecimentos na escola de forma aberta, plural e democrática.

“Eu me formei em Jornalismo, após o grande impacto que o projeto Educom.Rádio teve na minha vida. Ao final do projeto, decidi que a comunicação e a educação estariam para sempre em minha vida. E, de fato, tenho feito diariamente trabalhos, pesquisas e desenvolvimento de projetos que trabalham com Educomunicação. Mas, mais do que isso, a forma como eu me relaciono com as pessoas e com o mundo tem grande influência do Educom.Rádio: respeito à diferença e ao lugar do outro. Nada é mais educacional do que o fazer coletivo de forma democrática”, diz Douglas Calixto.

Outra história exitosa vinculada ao projeto Educom.rádio é a da consultora Laís de Souza Costa, de 24 anos, que participou da iniciativa em 2001. Para ela, o envolvimento com a educomunicação na escola fez com que

se tornasse mais desenvolvida, característica que hoje a ajuda em seu trabalho.

“Pude aprender a me expressar melhor, a falar em público, e também, não menos importante, me tornei uma pessoa muito bem informada sobre tudo, pelo fato de buscar conteúdos para passar aos meus colegas nos programas de rádio, o que significativamente contribuiu para minha melhora nos estudos e notas. Hoje, eu lido diariamente com muitas pessoas, faço negociações, portanto, ser comunicativa e desenvolvida, me ajuda bastante nas situações do dia a dia”, conta Laís.

O estudante Arthur Ricardo David Hirchi, de 13 anos, do 6º ano do Ensino Fundamental da EMEF Pedro Américo, vivencia atualmente a expansão de horizontes, experimentada por Gabriela há mais de uma década. O estudante sente que sua participação no projeto Imprensa Jovem o tornou mais culto, “pois fui a lugares que nunca imaginei que poderia; entrevistei pessoas interessantes como no Festival de Invenção e Criatividade, realizado na USP, onde pretendo estudar Astronomia, e prestei assessoria para os colegas do projeto na produção das matérias”, conta o adolescente.

Arthur, que é cadeirante e dedica-se a um projeto pessoal de pintura, paralelamente à escola, diz que a partir de sua experiência com educomunicação, conseguiu desenvolver-se pessoalmente, sobretudo no que diz respeito à oratória e às relações interpessoais: “O projeto me ajudou a me expressar melhor nas exposições e eventos da Associação dos Pintores



com a Boca e os Pés – APBP, da qual participo como pintor e palestrante. Ajudou-me também nas postagens do blog, em que escrevo, com a colaboração da minha mãe”, diz o estudante.

Da docência à gestão escolar

Não apenas estudantes e ex-estudantes da Rede sentem-se transformados a partir das práticas de educação, mas também docentes que enxergaram possibilidades de inovação ou coerência no Educom, com sua perspectiva e práticas que implementavam no contexto escolar. Esse é o caso de Fábio Nepomuceno, diretor da EMEF Professor Luiz David Sobrinho, localizada em Pirituba, zona oeste de São Paulo. Fábio conta que, quando dava aulas de Língua Portuguesa, procurava utilizar de metodologias que explorassem a autoria e a expressão dos estudantes.

“Quando comecei a dar aulas de Língua Portuguesa, em 2006, trabalhei teatro com alguns estudantes, o que já era uma busca de projeto voltado para a autonomia dos estudantes e para a livre criação. No ano seguinte, assumi a função de POIE (Professor Orientador de Informática Educativa) e descobri na escola o equipamento de rádio, recebido na época do Projeto Educom.Rádio. Procurando formas de reativar o projeto, primeiro começamos a trabalhar dentro da informática com a produção de podcasts. Foi assim que surgiram os projetos Rádio Graciosa e Folha Graciosa (na EMEF Fernando Gracioso, em Perus). Quando comecei esses projetos com os estudantes, no Laboratório de Informática, ainda não sabia que estava fazendo educação. Fui descobrindo o conceito, aos poucos, em cursos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e seminários promovidos pela ECA/USP, dos quais começamos a participar”, diz o educador.

Educomunicação é a própria substância da minha concepção de gestão escolar.

Fábio, ao perceber o potencial da prática educacional, procurou aprofundar-se nos estudos acerca do campo e integrou, em 2011, a primeira turma do curso de Licenciatura em Educação, da ECA/USP, que não chegou a concluir, e uma especialização em Mídias na Educação, promovida em parceria pelo Programa e-Proinfo, do MEC, e pela Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP, que também tinha um viés educacional. Para Fábio, a educação não é apenas um tópico, um conceito para estudo ou um episódio interessante da sua biografia profissional. “Educomunicação é a própria substância da minha concepção de gestão escolar, que passa pela gestão de recursos, gestão da comunicação, negociação e planejamento conjunto com minha equipe gestora, funcionários, colegas professores e, inclusive, estudantes”, afirma ele.

A também gestora escolar, Cristina Barroco Massei Fernandes, supervisora escolar e integrante da Divisão Pedagógica – DIPED da Diretoria Regional de Educação – DRE Campo Limpo, teve seu primeiro contato com a educação como participante do projeto Educom.Rádio, em 2004, ano em que exercia a função de POIE na escola em que atuava à época. “Quando iniciamos o trabalho com a Educação, em 2005, nós estávamos na EMEF Cel. Palmério de Rezende, DRE Campo Limpo, e de forma bastante incipiente, sem equipamentos, optamos por produzir jornal mural. Eram duas edições idênticas que ficavam estrategicamente afixadas na Secretaria da escola, na qual os pais/responsáveis esperavam para ser atendidos, e no pátio, onde as crianças tomavam lanche”, rememora Cristina.

A educadora diz que entender os princípios da educação transformou algumas perspectivas suas, sobretudo, a de entender a comunicação como um direito humano, além de ampliar a visão sobre as possibilidades de transformação das práticas educacionais. “Entender esses princípios muda a forma de olhar para as pessoas, o olhar da possibilidade, do respeito às diferenças. Quando se entende a proposta de trabalho com a educação, não se volta atrás, depois de entender os princípios, a cultura de paz, a diversidade e o protagonismo infantojuvenil. Todas as outras formações seguem essa linha”, conclui. ■



Educação cidadã a partir do jornalismo

Imprensa Jovem desenvolve criatividade e senso crítico dos estudantes

Coordenador do Núcleo de Educomunicação, criador do projeto, atualmente Programa Agência de Notícias Imprensa Jovem. Ganhador do Prêmio Aprendizagem Criativa do Media Lab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts – MIT Fundação Lemman.

O Imprensa Jovem vive se metendo onde é chamado. Estabelecido como um programa educacional da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, ele está conectado às propostas que promovem a participação dos estudantes nas escolas. Afinal de contas, estudantes têm voz e quando eles são chamados podem contribuir e muito com suas percepções e ideias.

Por meio da produção jornalística multimídia, o projeto “Imprensa Jovem – Agência de Notícias na Escola” estimula a participação e amplia os canais de comunicação da escola com a sua comunidade. Os estudantes desenvolvem, de maneira autônoma e colaborativa, habilidades críticas e criativas, a partir de produção de pautas, pesquisas e coberturas, que são compartilhadas por meio de blogs, rádios virtuais, canais no YouTube e páginas no Facebook, entre outras mídias sociais.

Criar uma Agência de Notícias Imprensa Jovem tem possibilitado às escolas interagir com sua comunidade, com os estudantes e com a cidade. Uso a definição do aluno repórter André, do 4º ano da EMEF Tarsila do Amaral, para entender esse movimento estudantil de diálogo social com e pelas mídias no território da escola: “O Imprensa Jovem é um espaço de expressão. Somos uma rede e estamos em sintonia. Tudo o que acontece vira notícia. Contamos os fatos e acontecimentos por meio dos nossos pontos de vista. Registramos, editamos, publicamos e compartilhamos. Somos alunos e alunas que produzem notícias”.

Atualmente, o Imprensa Jovem está presente em 417 Unidades Educacionais. As agências de notícias estão espalhadas em toda parte. No formato “Impresinha Mirim”, as crianças também brincam de produzir mídia e, ao mesmo tempo,



O Imprensa Jovem é um espaço de expressão. Somos uma rede e estamos em sintonia. Tudo o que acontece vira notícia. Contamos os fatos e acontecimentos pelos nossos pontos de vistas...

expressam opiniões, experimentam vivências, desenvolvem a comunicação, usam tecnologias, dialogam com os adultos, assumem a responsabilidade se organizar e se respeitar. Elas aprendem desde cedo a colaborar entre si.

Já com os adolescentes, o papo é assim: a pauta é delas e deles. E toda bagagem que eles trazem se encaixa para realização de entrevistas, coberturas jornalísticas, criação de conteúdos e difusão de suas produções. Eles exercem a autonomia imbuídos de colaboração e protagonismo, com a marca do diálogo de Paulo Freire, sem deixar de fora a sua preparação para ler e refletir a mídia.

A comunicação é um direito humano. Por isso, ao longo dos quase 15 anos, nos constituímos como uma tecnologia social de empoderamento do estudante pela e com a comunicação livre, responsável, reflexiva, expressiva, comunitária e democrática.

Novas experiências com Desafio Aprendizagem Criativa

Presente há quase 15 anos nas escolas municipais, o projeto foi reconhecido pelo Prêmio Desafio Aprendizagem Criativa, iniciativa do MIT Media Lab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que visa fomentar a implementação de soluções

inovadoras – novas tecnologias, produtos e serviços – que ajudem a tornar a educação brasileira mais mão na massa, significativa, colaborativa e lúdica. O Programa Imprensa Jovem foi convidado a participar de intercâmbio no MIT Media Lab, em maio de 2019, em reconhecimento à proposta que promove a criatividade,

Após a experiência de intercâmbio, promovido pelo Media Lab MIT, o programa teve um saldo de crescimento de 250 para mais de 400 Unidades Educacionais. O intercâmbio com Media Lab MIT também ampliou nosso olhar sobre como podemos aperfeiçoar as práticas pedagógicas do nosso projeto. Das várias experiências que vivenciamos, participar como ouvinte de uma aula na Escola Kennedy, trouxe inspirações para conectar o Imprensa Jovem às aulas.

Essa vivência de uma semana nos Estados Unidos nos mostrou o quanto as ideias dos estudantes podem promover uma educação significativa. O papel do estudante é gerar conhecimentos e não apenas se apropriar ou preencher sua mente com informações e conceitos.

Percebemos que o Imprensa Jovem pode ser desenvolvido na sala de aula de modo integrado às atividades curriculares. Cada vez mais, estamos articulando a aprendizagem criativa nas formações educacionais promovidas pelo Núcleo Técnico de Currículo em Educomunicação. ■

Educomunicação como abordagem crítica no trabalho com Tecnologias para Aprendizagem



Foto: Daniel Cunha - FOVE - CM - COPED - SME

Para mim, o convite para este artigo foi muito importante: há exatamente duas décadas, assumi uma atuação constante em pesquisa e formação docente no uso das Tecnologias na Educação. Na época, início dos anos 2000, fazia muito sentido adotar a expressão “tecnologia” como uma categoria epistemológica consistente, quando imperavam as tendências da “informática educativa”, logo suplantadas pela abordagem das TIC/NTIC (Tecnologias/Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação).

Hoje, penso que esse uso lato do termo “tecnologia” deva ser evitado, não porque ela não mereça ser debatida e estudada, mas pelo fato de essa discussão ter se tornado muito complexa, devido ao acúmulo e à imbricação de conceitos e abordagens no âmbito da prática docente. Assim, se, por um lado, já não indagamos mais “se” e “por que” as tecnologias digitais (denominação mais corrente) devem ser integradas nos processos pedagógicos, por outro, a resposta à questão sobre “como” isso deve acontecer está muito longe da unanimidade.

Para não correr o risco de adentrar uma discussão complexa e estéril, dado o espaço limitado de que dispomos, dividiremos nosso texto em duas partes, sendo que, na primeira, problematizaremos a expressão “tecnologia” e, na segunda, apontaremos brevemente como a “Educomunicação” se oferece como alternativa para conciliar demandas escolares com uma educação transformadora.

Tecnologias da Aprendizagem: Apocalipse ou Integração?

Há dois aspectos interessantes que, apesar de pessoais, me parecem dignos de relato. Primeiro: quando comecei a me interessar pelas tecnologias digitais, antes mesmo de ter contato com o binômio “computador-internet”, o fiz por razões estritamente

profissionais, relacionadas à atividade de produção musical. Lembro-me de que, na época, muitos colegas que compartilhavam comigo da formação musical “clássica”, não viam com bons olhos aquela “invasão eletrônica” que tomava de assalto os reductos da “verdadeira” arte, calcada na tradição e no contato humano olho no olho — seja lá o que isso quer dizer.

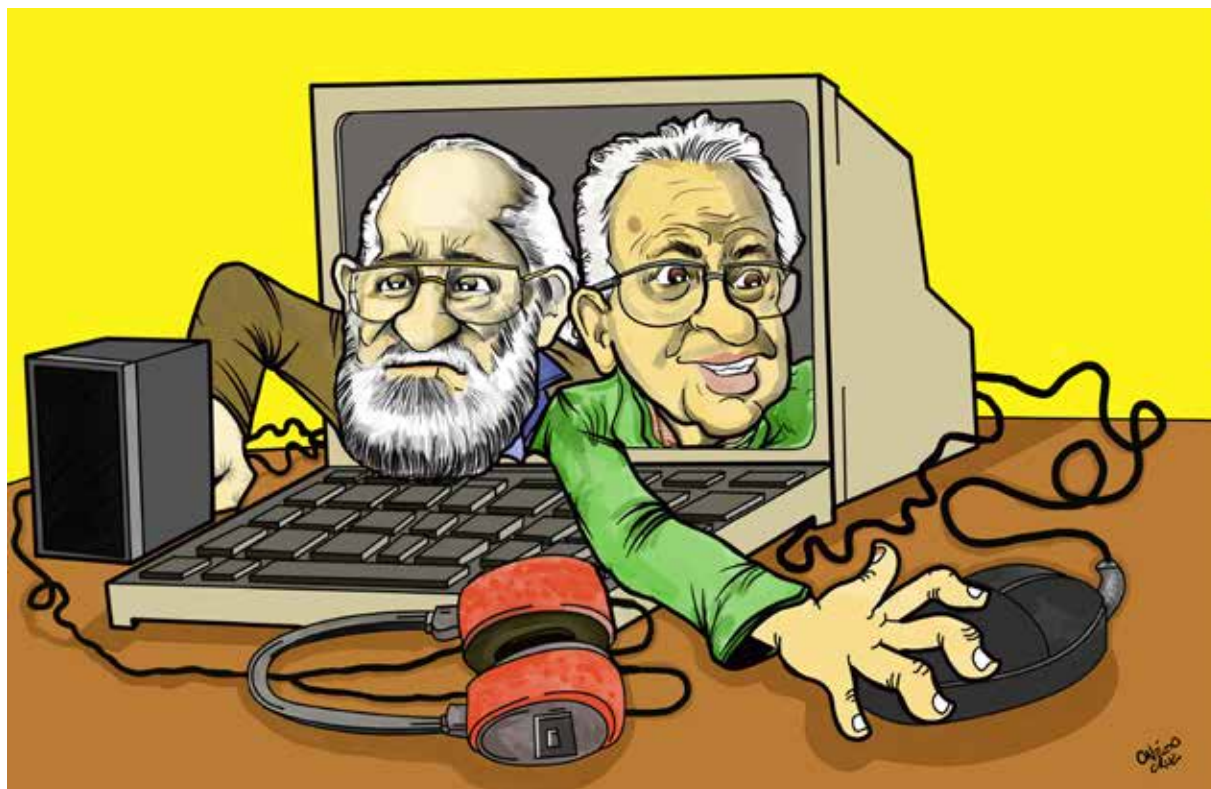
Segundo: nos dias de hoje, com alguma frequência, participo de congressos como expositor ou convidado para mediar mesas que enfocam a relação tecnologia/educação. Eventualmente, recorro a uma metáfora musical para me apresentar como uma “guitarrista de rock tocando num concerto barroco”, numa tentativa de reduzir o estranhamento de quem constata que tenho muito pouco entusiasmo por novidades tecnológicas.

Ambos os aspectos mencionados me dão conta de que parece haver uma polarização clara entre os educadores que rejeitam as (muitas) inovações digitais que, no curso de uma geração, transformaram irreversivelmente nossa rotina e seus colegas — não necessariamente mais jovens — que acreditam piamente num papel transformador inerente às tecnologias, ignorando algumas de suas terríveis contradições.

Poderíamos tomar emprestada a nomenclatura de Eco (2011), quando se refere aos “Apocalípticos” e aos “Integrados”, sem nos esquecermos de que, entre um e outro polo, há um leque de variações nos quesitos de aceitação ou rejeição das tecnologias.

De nossa parte, pensamos que um vício original se associa à noção da neutralidade da ciência, levando em conta que uma definição satisfatória de tecnologia poderia ser a de “aplicação do conhecimento científico” para a resolução de problemas, agregando uma camada de reflexão — Logos — que a distingue da simples técnica — Techne — (GALIMBERTI, 2006).

Se assumimos que a tecnologia, tanto quanto a ciência, reflete hegemonias e interesses políticos e econômicos, torna-se evidente a necessidade, em qualquer contexto educacional, de abordá-la criticamente. Aqui entra a Educomunicação.



A Educomunicação e sua abordagem crítica da tecnologia

Paulo Freire (2011), ao lado de Mario Kaplún (1999), é reputado como um dos “padroeiros” da Educomunicação. Sua expressão “Cavalo de Troia”, aplicada indistintamente aos meios de comunicação e aos computadores, manifesta uma desconfiança (diga-se de passagem, justificada) em relação à presença das chamadas TICs no contexto escolar. Kaplún também não soa mais otimista quando se refere, por exemplo, à EaD como uma forma de “Incomunicação”.

Ambos os autores, falecidos nos anos 1990, não chegaram a assistir o tsunami digital avassalador que incidiu sobre a cultura cotidiana. O que diriam hoje, por exemplo, sobre o fenômeno das redes sociais?

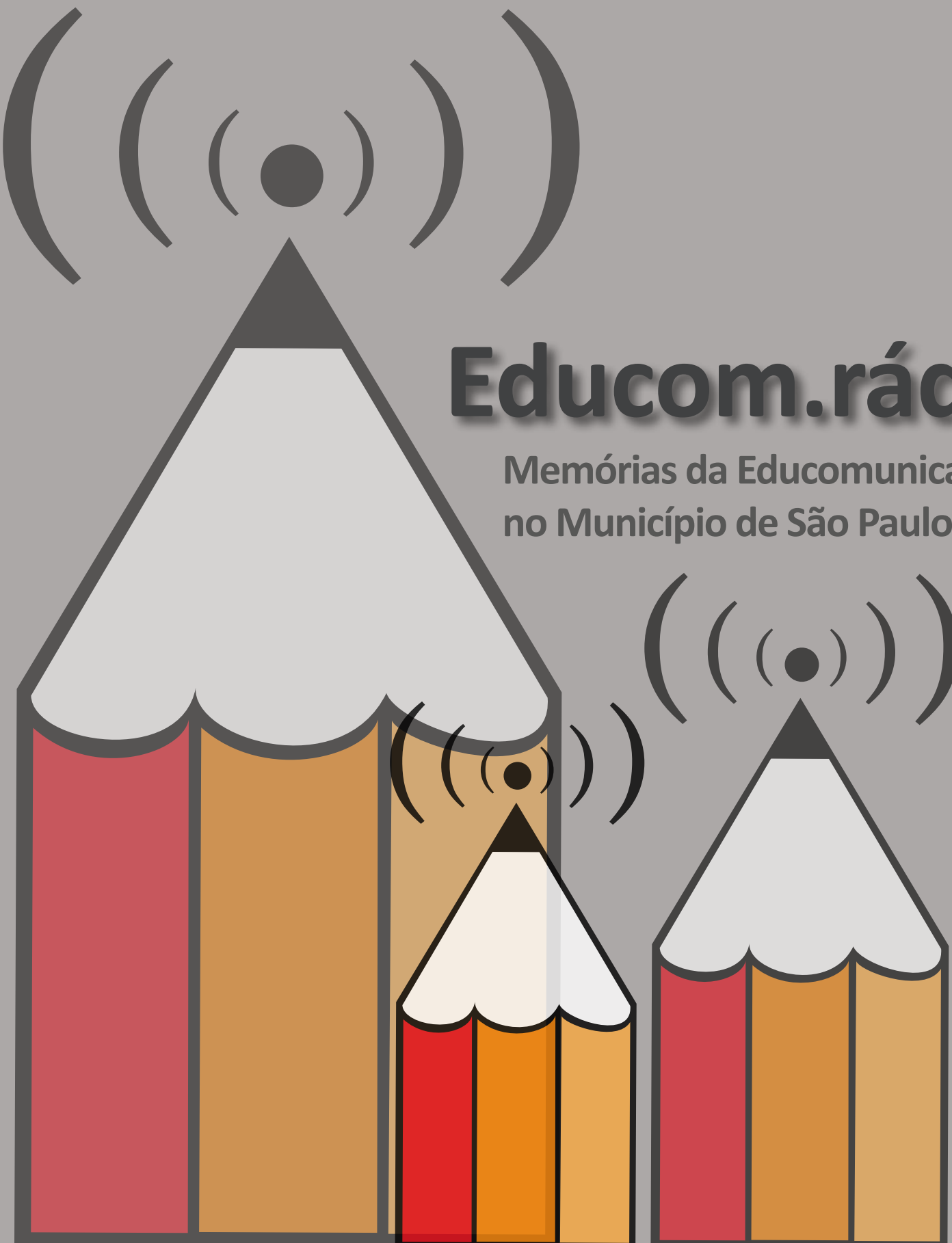
Essa constatação, em absoluto, não significa que haja algum tipo de incompatibilidade básica entre o emprego das tecnologias da educação e o trabalho dos educadores. Muito pelo contrário, pois se o educador é um agente de transformação

social permanentemente conectado com os jovens aprendentes, a mediação pedagógica por meio das tecnologias (CONSANI, 2008) passa a ser, não apenas sua responsabilidade natural, mas uma fonte inesgotável para estratégias problematizadoras.

Assim, é muito provável que, na atualidade, ainda não tenhamos chegado a um ajuste duradouro na tarefa de contextualizar tantas inovações tecnológicas que incidem no ambiente escolar. Entretanto, enquanto existir a instituição escolar, ela continuará sendo o espaço para a necessária mediação crítica, independentemente dos câmbios geracionais. ■

Referências

- CONSANI, M. A. **Mediação tecnológica na educação: conceito e aplicações**. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação e Educação**, n. 14, p. 68-75, jan.-abr. 1999.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.



Educom.rádio

Memórias da Educomunicação
no Município de São Paulo

Na Física, temos um fenômeno conhecido como “interferência de ondas”. Ocorre quando, num espelho d’água, dois ou mais pulsos provocados, por exemplo, pela queda de objetos em lugares diferentes, criam ondulações que se propagam em círculos. Ao se encontrarem, ondas que nasceram em pontos opostos provocam o que se nomeia como “interferências”. Em cada nova interferência, as ondas dobram seu volume. As perturbações aí provocadas não desviam as ondas de seus caminhos originais: cada pulso continua sua estrada como se nada tivesse acontecido.

Imagine-se em um grande lago, em que ondas sejam provocadas, simultaneamente, no centro e nas bordas, como se estivessem vindo de pontos cardeais e colaterais: do Norte, Sul, Leste, Oeste, Nordeste, Sudeste, Noroeste, Centro-Oeste, sem esquecer do próprio Centro. O que veremos serão interferências e superposições multiplicando-se com rapidez, deixando o lago inquieto e movimentadíssimo, por um longo período, na proporção da força dos impactos originais. Enquanto o lago não se aquietar, temos certeza de que novas interferências continuarão sendo provocadas, num movimento que parece não ter fim.

Pois é! Foi isso o que aconteceu na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, do primeiro semestre de 2001 ao final do segundo semestre de 2004: um conjunto de 455 pulsos (escolas públicas municipais) localizados no centro, nos quatro pontos cardeais, bem como nos quatro colaterais da cidade, passaram a provocar interferências gigantescas, criando ondas de simpatia para com a novidade que despontava: crianças e adolescentes fazendo comunicação e, com isso, contribuindo para a diminuição da ameaça que pairava sobre a Rede: a violência no espaço escolar.

No caso, caudatária de uma política pública preexistente (o Projeto Vida), a educomunicação ganhou espaço e converteu-se numa nova política assertiva da Secretaria Municipal da Educação.

De inovação à política pública

Devemos lembrar que o *Educom.rádio*, como curso de formação, tinha tudo para fracassar: era **longo demais** (12 encontros de 8 horas cada um, realizados aos sábados, ao longo de um semestre); era **muito denso** (totalizando 92 horas de trabalho no curso, fora as atividades que ocorriam durante as 12 semanas, nas escolas); era **demasiado ambicioso** (promover processos de aprendizagem em que professores, estudantes e membros da comunidade experimentassem práticas midiáticas numa perspectiva dialógica e colaborativa, na busca de solução para os problemas de violência física, psicológica, social ou moral, ou mesmo para qualificar o trabalho pedagógico, empregando as tecnologias da comunicação no tratamento dos temas transversais). No entanto, o projeto só fez crescer, do primeiro encontro, em agosto de 2001, ao milésimo (na verdade, foram 1.009 encontros de 12 horas), em dezembro de 2004.

No processo, ainda em 2002, a professora Cida Perez, Secretária Municipal da Educação, anunciava uma relevante surpresa em entrevista para a jornalista Márcia Coutinho, coordenadora da equipe de memória do projeto: “Num total, a violência nas escolas de São Paulo caiu 50%”¹. E olha que estávamos, então, ainda no início do programa!

A Secretária referia-se a uma inovação pedagógica acolhida pela Prefeitura, funcionando de forma paralela à prática curricular, no âmbito do que se denominava, então, como “projeto especial”. O que não imaginava a professora Cida é que, dois anos depois, a Câmara Municipal, numa iniciativa do vereador Carlos Neder, legitimaria a iniciativa por meio de um diploma legal, a Lei nº 13.941, promulgada em 28 de dezembro de 2004, com o objetivo de “Instituir o programa Educom - Educomunicação pelas Ondas do Rádio, no Município de São Paulo”, dando outras providências. Sancionada imediatamente pela Prefeita Marta Suplicy, a Lei foi regulamentada pelo Prefeito José Serra, em agosto de 2005.

¹ A declaração da Prof.ª Cida Perez compõe a parte inicial de documentário disponível no Youtube, sob o título: Vídeo Institucional - Projeto Educom Rádio. Acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=FDEvVZY164U>>



Do convite da professora Dilce à decisão da professora Marívia

A proposta de levar a educomunicação às escolas do Ensino Fundamental, atendendo professores e estudantes da 4ª à 8ª séries, esteve alocada, inicialmente, na instância do Projeto Vida, vinculado ao Gabinete do Secretário de Educação (na época, o Prof. Dr. Fernando Almeida, então docente da PUC/SP), a partir de um convite feito ao NCE/USP (Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo) pela coordenadora Prof.^a Dirce Gomes, tendo como meta – como já foi sinalizado – a redução da violência nas escolas da prefeitura.

O programa de formação – que incluía palestras, dinâmicas de grupo, oficinas de produção midiática,

dentre outras ações – habilitava os participantes (professores, estudantes e membros das comunidades educativas) a elaborarem entre si planejamentos de ações educomunicativas em defesa da paz e da vida colaborativa, no contexto escolar.

Nesse sentido, o *Educom.rádio* representou uma formação construída, em última análise, pelos próprios participantes, traduzindo a aprendizagem em vivências cotidianas. Foi por isso que a iniciativa ganhou densidade, firmando raízes profundas no solo da prática educativa das escolas do município.

O progresso alcançado levou a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo a transferir o programa, no início da última fase do curso (2º semestre de 2004), da área de “projetos especiais” não curriculares para o interior da área pedagógica, no espaço sob a coordenação da Diretoria de Orientação Técnica - DOT. A justificativa fornecida, na época, pela Prof.^a Marívia Torelli, responsável pelo órgão, lembrava que o novo paradigma levado à área da linguagem estava sendo visto pelas autoridades municipais como

um referencial de efetivo interesse para o projeto educativo do município, levando em consideração que a nova prática tinha como objeto justamente a gestão da comunicação nos espaços educativos.

A estratégia do Educom

O *Educom.rádio* ocorreu ao longo de sete semestres, garantindo tempo e espaço para que um total de 455 escolas do Ensino Fundamental vivenciassem a experiência de integrarem a comunicação como eixo transversal em suas práticas educativas.

Para tanto, as escolas foram reunidas em polos. Na primeira fase, 25 escolas são matriculadas em 5 diferentes polos, um em cada ponto cardeal da cidade. A cada nova fase, um grupo maior de escolas era integrado, a partir da mesma lógica. No primeiro semestre de 2004, por exemplo, foram incluídas 136 Unidades Educacionais, distribuídas em 17 diferentes polos, para atendimento simultâneo. No decorrer do projeto, a média de polos se estabilizou em 13, correspondentes aos Núcleos de Ação Educativa - NAEs da época. Ao todo, em 7 fases, foram atendidos 11 mil cursistas, envolvendo, nesta tarefa, aproximadamente 800 especialistas do NCE/USP (Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo).

O segredo do sucesso – responsável pela transmutação de um projeto especial em política pública – foi a vivência testemunhal da proposta por um número crescente de escolas, ocorrida simultaneamente, em todos os cantos da cidade, num efeito semelhante aos de grandes ondas, em processo de interferências mútuas.

Superando os desafios

O Educom.rádio conseguiu superar um desafio vigente, com certa regularidade, na prática administrativa brasileira: a descontinuidade. Diferentemente do que tem ocorrido com outras iniciativas, o Educom não sofreu interrupções ao longo de sua

trajetória, tendo sido transformado de uma política de governo a uma política de Estado. Ainda mais: cada nova administração que chegava à Prefeitura, no decorrer dos últimos 18 anos, não apenas reconhecia os avanços do programa, como oferecia sua própria contribuição para aperfeiçoá-lo.

Os pesquisadores atribuem o fato, em primeiro lugar, à adesão dos professores, estudantes e membros das comunidades às práticas educacionais e, em segundo lugar, ao reforço oferecido pela formação em serviço, colocada à disposição dos docentes pelo Núcleo de Educação da própria Secretaria Municipal de Educação.

Outro desafio tem sido representado pelo fato de o termo “Educomunicação” encontrar resistências em determinados setores, por distintas razões. A superação deste desafio dá-se pela legitimação que o conceito vem alcançando, em nível nacional e internacional. Por outro lado, é importante lembrar que, nos últimos 18 anos, mais de 370 pesquisas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) se voltaram para o tema, em mais de 100 centros de pós-graduação, país afora. No caso específico, duas produções merecem memória por terem identificado o sentido profundo das transformações ocorridas na Rede Municipal de Ensino: em 2010, foi publicado, na Itália, o livro de Isabella Bruni, intitulado “A Educomunicação brasileira sobre as ondas da rádio” (*L'Educomunicazione brasiliana sulle onde della radio*), em que a autora defende, na Universidade de Roma, que o que caracteriza o conceito, no Brasil, é seu potencial, no sentido de favorecer uma gestão dialógica e participativa das relações no ambiente escolar. Por sua vez, a tese doutoral de Luci Ferraz de Mello comprovou, em 2016, a incidência da prática educacional na vivência curricular das escolas do município, especialmente em sua aproximação ao universo das tecnologias. A pesquisa teve como título “Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico” (ECA/USP).

Visão de futuro

A vocação de São Paulo é, em primeiro lugar, a de dialogar com o país e com o mundo sobre seu

protagonismo na prática educomunicativa. Para tanto, cumpre às autoridades zelar pela coerência epistemológica (a relação entre teoria e prática) do programa e mantê-lo sincronizado com a política educacional do município, como ocorreu na última reforma curricular, ocasião em que mais de 47 mil alunos vinculados ao Imprensa Jovem tomaram parte nos debates que consolidaram a reforma educacional hoje vigente na cidade. Em segundo lugar, cabe à Prefeitura não negar-se a participar de debates públicos, inserindo-se em programas que envolvam ações colaborativas com outras instituições, como ocorreu recentemente com o Educom.geraçãocidade 2016-2018, projeto que uniu uma escola do município (EMEF CEU Casa Blanca) a uma escola privada (Colégio Dante Alighieri) em práticas interinstitucionais, contando para tal com a assessoria do NCE/USP e da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação).

Importante lembrar que São Paulo – com seu programa educomunicativo – tem muito a oferecer à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, no debate e na implantação, em todo o país, de uma proposta curricular em condições de dialogar com a perspectiva defendida pela UNESCO, sob a denominação de Educação Midiática Informacional.

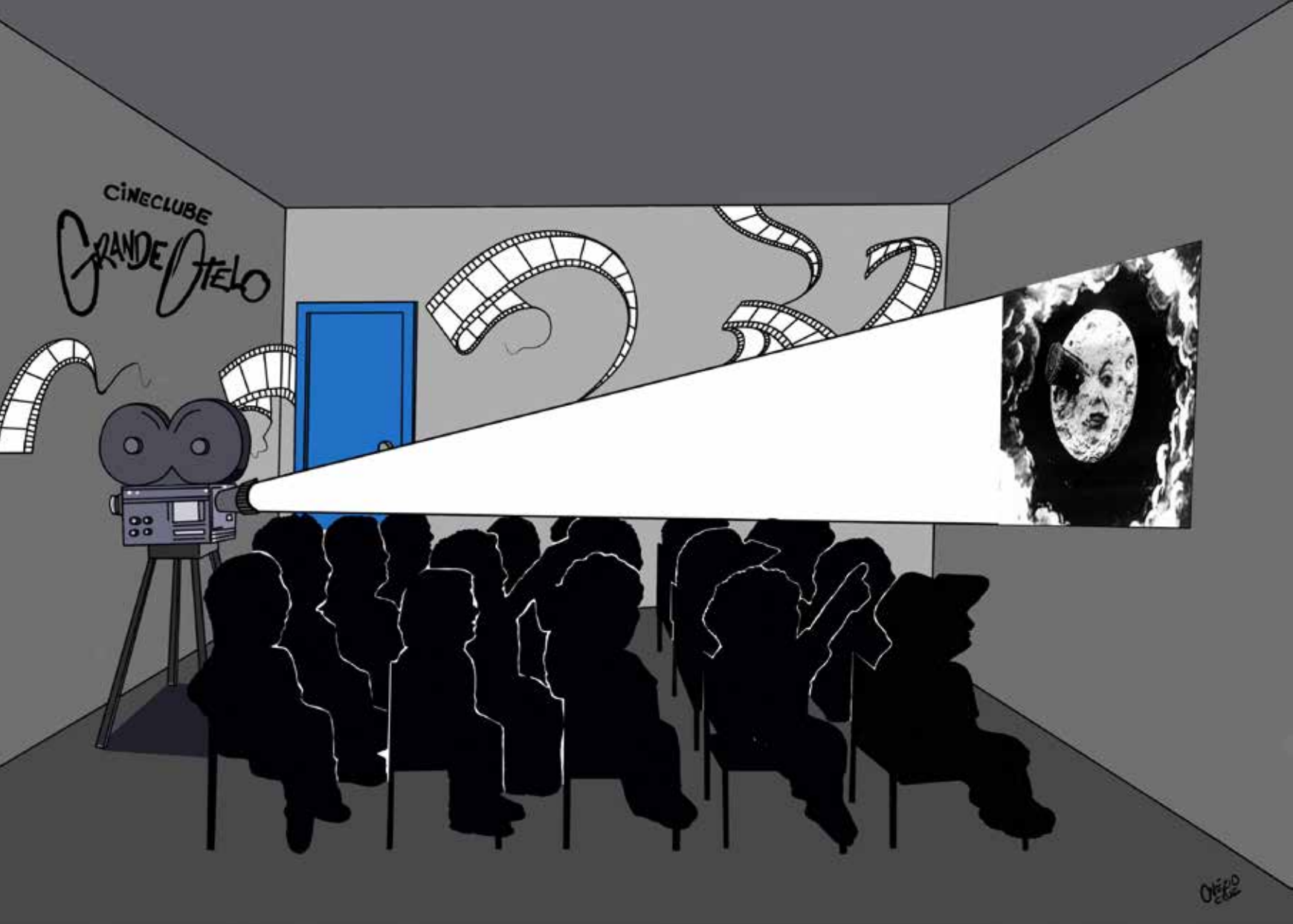
A foto que faltou

Passados 18 anos do início do Educom.rádio, sinto falta, nos meus arquivos, de uma imagem - se é que a tenha produzido! Alguma foto que tivesse registrado a partida das 17 vans que saíram, por volta das 7h da manhã, da frente da ECA/USP em direção aos diferentes polos, no centro ou nas periferias da cidade, para encontrar, exatamente às 8h da manhã, os inscritos no programa. Cada veículo levava de 10 a 15 mediadores, em viagens que duravam de 15 minutos a uma hora.

Não sei se as escolas ou os professores da época registraram, de forma igual, as partidas e chegadas dos ônibus que faziam o trajeto entre cada escola e os polos do Educom, em seu bairro ou região. Sei que não será fácil encontrar, afinal não havia celular nem o *whatsapp* naqueles tempos.

Mas das lembranças ninguém certamente se esqueceu! Era justamente nos ônibus e nas vans que muito aprendizado ocorria, muitos planejamentos eram feitos, muitas histórias eram contadas. Histórias que consolidaram o pertencimento de todos a uma experiência que, mais que inovadora, foi enraizadora. ■





Cinema e Educação

Um namoro repleto de descompassos

A educação é um campo que existe há séculos e suas transformações acompanham o que acontece na sociedade, nem sempre no mesmo compasso. O cinema surgiu no final do século XIX, sendo que, no Brasil, ele aconteceu nos primórdios do século XX.

O relacionamento entre o cinema e a educação nem sempre foi harmonioso. Se compararmos essa convivência com um namoro, podemos separá-lo em duas fases. A primeira tem a ver com esse início do século XX, momento em que predominava uma educação tradicional, ainda bastante determinada por uma visão religiosa, apesar do período da República ter instituído a educação laica. Os educadores e os religiosos viram um grande perigo naquela nova forma de entretenimento que chegava: sala escura, filmes encantadores, que envolviam o espectador pelo caminho da emoção e não da razão. O cinema, que representa o primeiro formato da indústria cultural, fez sucesso imediatamente com as populações urbanas e foi visto, de início, como um possível “deformador de mentes”, algo que os educadores precisariam controlar. Temos aí um relacionamento desigual, com uma das partes querendo dominar/controlar a outra. As cenas tão conhecidas do filme Cinema Paradiso, em que o padre manda cortar as cenas de beijos, retratam muito bem essa situação.

Apesar da desconfiança, a educação reconhece que o cinema pode desempenhar um importante papel educativo. Após a Revolução de 1930 e a influência das ideias da Pedagogia Nova, constitui-se uma comissão para organizar as atividades do cinema no campo educacional (1931) que desencadeará, em 1937, na criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo – INCE.

Há muitas boas histórias para se contar sobre o INCE, a começar que ele teve à sua frente ninguém menos que Roquette-Pinto e o cineasta Humberto Mauro, mas essas histórias ficarão para outra ocasião. Aqui nos interessa registrar que o namoro

cinema e educação manteve uma relação desproporcional, em que se somava a ideia de que prazer e entretenimento não poderiam ser educativos. É nessa fase que se cristaliza a ideia de que, para desempenhar um papel realmente formador, seria preciso um cinema com conteúdos edificantes e “informativos”. Até hoje se mantém no imaginário de todos que cinema educativo é “chato” e que os documentários são filmes mais apropriados para o uso educacional, já que eles trazem “informações verídicas”. Justamente por se pensar apenas no conteúdo dos filmes (como se fossem material didático) e não na linguagem cinematográfica, há uma desconsideração que o documentário também é resultante de muitas opções e costuma trazer um ponto de vista.

Principalmente a partir dos anos 1950, período de grande efervescência cultural no Brasil, eram os cineclubes que desempenharam o papel de formador cultural. O cineclubismo teve grande importância no Brasil entre as classes médias das grandes cidades

e se constituiu em uma prática de formação cultural paralela à educação escolar. Sabemos que há, atualmente, uma geração de adultos que construiu sua formação cultural a partir do cinema, de maneira in-

formal, mas densa. Foi a partir dos cineclubes que estudantes e cinéfilos começaram a ter acesso a uma filmografia menos comercial, que permitia o acesso, o desfrute e a construção de uma cultura cinematográfica. Pelo fato de o cineclubismo sempre promover debates após a exibição, construiu-se entre os frequentadores a ideia de filme, sempre aliado à reflexão e ao conhecimento (não escolar, mas potente formador cultural).

O cineclubismo perdeu sua força nos anos 1980, com o advento do videocassete. Os avanços tecnológicos alteraram bastante a nossa relação com os filmes que, da sala escura, passaram para o ambiente doméstico e hoje estão nos computadores e até nos celulares. A experiência de ver filmes também está ligada a um bombardeio de produtos

*Pelo fato do cineclubismo sempre
promover debates após a exibição,
construiu-se entre os frequentadores
a ideia de filme aliado à reflexão e
ao conhecimento.*

audiovisuais, que pode, dependendo do espectador, adquirir um significado cultural relevante ou ser consumido como um *fast food*, um sanduíche, cujo sabor não é mais lembrado algumas horas depois.

Nessa época, o namoro educação e cinema passa a viver uma nova fase.

As escolas, aos poucos, puderam se equipar com aparelhos de televisão, videocassete e, posteriormente, computadores, DVDs, projetores multimídias, sendo que são raras as Unidades Educacionais que não possuem uma sala de projeção. Exibir um longa-metragem antes dessa época representava um trabalho imenso, quase impraticável. Hoje, muitas escolas possuem um acervo significativo de obras cinematográficas (em DVD) e os professores – dentro ou fora da escola – têm oportunidade de conhecer e utilizar como prática pedagógica uma infinidade de filmes.

Tudo indica que o cenário se tornou extremamente favorável para esse namoro prosperar e dar até em casamento. Mas não foi desta vez que essa relação deu certo...

Muitos dos equívocos construídos historicamente ainda permanecem como “sombra” nesse namoro. A

ideia de controle da obra para que ela cumpra um papel educativo ainda é forte entre os educadores. Ainda se acredita que um filme tem o poder de deformar as mentes e disseminar valores indesejáveis.

A facilidade de se exibir um filme na escola atualmente passou a ser usada fartamente, inclusive – e principalmente – quando falta um professor, ou até quando um professor não teve tempo de preparar sua aula. Essa prática que, de alguma forma banalizou o uso de filmes nas escolas, contribuiu para que se criasse outro preconceito no imaginário de todos: que cinema na escola é para “matar aula”. Mesmo os professores que usam filmes com clara intencionalidade educativa são vítimas desse preconceito, pois ainda encontram resistências por parte da gestão da escola, dos familiares dos estudantes e até mesmo das crianças e jovens (“hoje não tem aula, é filme!”).

Esse equívoco de se usar filmes excessivamente, e mesmo sem a presença do professor, vem de uma supervalorização do cinema na formação das crianças e jovens, cujas raízes estão naquela ideia que falamos no início: que o cinema pode “deseducar”. Nessa mesma linha, há quem acredite que o simples fato de se exibir um filme com mensagens edificantes é suficiente para se formar jovens com plena consciência cidadã e com fortes valores de solidariedade. Sonhamos com essa facilidade, mas é ilusório achar que um filme tem esse poder.

Sem um mediador que permita que o filme signifique uma experiência cultural para o estudante, a simples assistência continua sendo “sanduíche”, isto é, será uma experiência de puro consumo, sem valor educativo ou cultural.

Outra “sombra” que ainda perturba esse relacionamento é a prática de se “didatizar” os filmes, isto é, tentar adequá-los aos conteúdos das disciplinas. É interessante que o cinema dialogue com o currículo, desde que não se exclua a dimensão da arte, sempre lembrando que é uma produção simbólica (independentemente de ser ficcional ou não), que foi produzida em um determinado contexto histórico, por determinados produtores que tinham (têm) seus interesses mercadológicos. São muitos os descompassos ainda desse namoro. É preciso manter, na educação, o frescor e o prazer da sétima arte. ■

Foto: Daniel Cunha-FOVE-CM-COPED-SME



Educomunicação na Rede Municipal de Ensino de São Paulo

Michèle Marques

Conheça o
trabalho de
apoio a projetos
e à formação
docente do
Núcleo de
Educomunicação
da Secretaria
Municipal de
São Paulo



O Núcleo Técnico de Educomunicação, vinculado ao Núcleo Técnico de Currículo – NTC, é um setor integrado à Coordenadoria Pedagógica – COPED da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que tem como proposta principal ações formativas que visam apoiar, desenvolver e subsidiar o currículo, por meio das linguagens de comunicação e promover o desenvolvimento de projetos de Educomunicação.

O que é

Educomunicação é o conjunto de ações destinadas a criar e a desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais, não formais e informais, mediados pelas linguagens e processos da comunicação e/ou das artes, bem como pelas tecnologias da informação e comunicação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício da liberdade de expressão.

O que fazemos

- desenvolvimento de propostas de formação para educadores com produção de material de apoio didático em diferentes suportes;
- apoio ao desenvolvimento de projetos de Educação Integral e em Tempo Integral;
- desenvolvimento de Agências de Notícias para gestão da comunicação nas escolas;
- acompanhamento dos projetos por meio de visitas técnicas às Unidades Educacionais;
- divulgação das produções dos estudantes pelos canais de comunicação do Núcleo (site, blogs, redes sociais, eventos regionais etc.);
- pesquisa e integração de tecnologias digitais aos processos de formação e desenvolvimento de projetos e ações pedagógicas;
- organização e participação em eventos sobre a temática na Cidade de São Paulo.

Com quais objetivos

- incentivar o protagonismo infantojuvenil pela e com a comunicação;

- desenvolver ações pedagógicas com foco na interdisciplinaridade;
- desenvolver a autonomia e a colaboração;
- formar para leitura crítica da mídia;
- promover a autoria;
- desenvolver competências para o uso das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Com quem atuamos

Com todos os educadores da Rede: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, CECIs (Centros de Educação e Cultura Indígena), CIEJA (Centros de Integração e Educação de Jovens e Adultos), EMEBS (Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos).

Quais são as linguagens abordadas

O Núcleo Técnico de Currículo em Educomunicação concentra os projetos relacionados às linguagens:

- impressa (boletim informativo, jornal impresso, jornal mural, jornal comunitário, revista, fanzine, história em quadrinhos e fotografia);
- radiofônica e televisiva (rádio escolar, webrádio e TV escolar);
- audiovisual (cinema, vídeo, cineclube e *Stop motion*);
- digital (blog, podcast e redes sociais);
- além de outras formas de comunicação que acompanham a evolução tecnológica.

Para o desenvolvimento dos projetos e atividades pedagógicas, as Unidades Educacionais podem fazer uso de tecnologias digitais, softwares livres e recursos educacionais abertos.

A elaboração e veiculação das produções são articulados ao currículo a partir do universo cultural e social dos estudantes.

Como desenvolver projetos

Os professores da Rede Municipal podem desenvolver projetos educacionais em sala de aula, nos diferentes componentes curriculares e/ou áreas de conhecimentos, como também na ampliação dos tempos e espaços escolares vinculados à Educação Integral e em Tempo Integral ou jornada ampliada.

Para isso, devem escrever um Projeto Especial de Ação – PEA em que conste:

- problematização;
- justificativa;
- objetivos;
- conteúdos e articulação com Projeto Político-Pedagógico;
- procedimentos metodológicos;
- cronograma das turmas;
- recursos materiais;
- estratégia de acompanhamento e avaliação;
- referências bibliográficas;
- parecer da Equipe Técnica;
- homologação da Supervisão Escolar.

Os projetos preveem carga horária de 4 a 10 horas semanais, com atendimento mínimo, conforme legislação vigente. As propostas deverão ser submetidas ao Conselho de Escola e encaminhadas para Supervisão Escolar, que irá autorizar a realização de projetos.

Para efeito de evolução funcional, os projetos precisam ser realizados num período de 8 meses e completar um mínimo de 144 horas.

Cadastramento de projetos

O cadastramento do projeto é importante e vital para o acompanhamento e a assistência pedagógica da equipe do Núcleo Técnico de Currículo em Educação, além de permitir uma melhor divulgação do projeto e garantir a certificação dos professores e estudantes.

Para cadastrar a iniciativa, deve acessar o site do Núcleo de Educação:

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov/educacao>

Legislações

É importante conhecer as legislações que apoiam e fortalecem as atividades do Núcleo e a atuação dos professores que desenvolvem projetos educacionais na Rede Municipal de Ensino:

- Lei nº 13.941/04 – Programa Educom “Educomunicação Pelas Ondas do Rádio”;
- Portaria nº 5.792/09 – Programa Nas Ondas do Rádio;
- Portaria nº 7.849/2016 – Art. 25 – Atribuições do Núcleo de Educação;
- Portaria nº 7.991/2016 - Programa Imprensa Jovem.

Agências de Notícias Imprensa Jovem

Criado em 2005, o Imprensa Jovem é um projeto desenvolvido em mais de 400 escolas com apoio do Núcleo de Educação. Por meio da produção jornalística multimídia, os estudantes ampliam canais de comunicação da escola com a sua comunidade. No processo de produção, os estudantes repórteres criam pautas de interesse da comunidade escolar, realizam pesquisa e editam os conteúdos. Os estudantes desenvolvem, de maneira autônoma e colaborativa, suas habilidades críticas e criativas.

As coberturas são compartilhadas por meio de blogs, rádios virtuais, canais no *YouTube* e páginas no *Facebook*, entre outras mídias sociais. Dessa forma, as agências de notícias formadas pelos estudantes potencializam os recursos de comunicação disponíveis, em favor do estudante repórter numa proposta de comunicação livre e democrática.

As equipes contam com a assessoria do Núcleo e podem participar de cursos de formação à distância, realizam dezenas de coberturas educacionais pela Cidade de São Paulo, estando presentes nos principais eventos e iniciativas locais. ■

O Guarani nas ondas do rádio

A Educomunicação presente há 15 anos nas atividades radiofônicas dos Centros de Educação e Cultura Indígena, os CECIs.



Em 2001, quando as lideranças indígenas Guarani da Cidade de São Paulo se articularam com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – SME de São Paulo com o desejo de construir um centro de educação e cultura diferenciado, essencialmente indígena, deram início a um planejamento de criação dos Centros de Educação e Cultura Indígena, os chamados CECIs, cujo projeto arquitetônico, assim como a proposta pedagógica, foram construídas em uma parceria entre técnicos da SME e as lideranças indígenas de cada aldeia Guarani.

Se a internet, assim como outros meios de comunicação, já faziam parte da vida do Guarani, seria preciso favorecer o protagonismo desses povos. E foi com o projeto Educom.rádio, desenvolvido junto ao povo Guarani-Kaiowá de Amambai, no Mato Grosso do Sul, que se passou a capacitar os indígenas para a implantação de rádios comunitárias. A experiência foi um sucesso e resultou na produção de um programa em *yopará* (mistura dos idiomas Língua Portuguesa e Guarani). Na região Nordeste, alguns povos – como os Xukuru do Ororubá, em Pernambuco, e os Pataxó *Hã-Hã-Hãe*, no sul da Bahia, conseguiram equipamentos próprios para a produção de material radiofônico. Isso transformou a cultura das aldeias que, entre outros avanços, passou a dar voz às mulheres.

Indígenas em luta pelo direito à comunicação

Um documento indígena, Relatório da Oficina de Áudio para os Povos Indígenas, que foi construído de 3 a 6 de junho de 2007, na aldeia Caramuru dos Pataxó *Hã-Hã-Hãe*, aponta para insatisfações quanto à regulação da radiodifusão comunitária pela Lei nº 9.612/98, quanto à necessidade de uma legislação específica para seus povos, que permita a abrangência física das rádios maior que o raio de 1 km, e possa garantir a diversidade de suas culturas e suas estruturas internas de organização social. Nesse período, os povos indígenas se colocam ao lado de diversos setores dos movimentos sociais na luta conjunta pelo fortalecimento das rádios comunitárias.

O meio impresso também deu espaço para que as comunidades indígenas atuassem como sujeitos em processos de comunicação.

Sob o protagonismo das lideranças comunitárias, os indígenas elaboram informações que procuram valorizar a cultura e o modo de vida Guarani. A relação entre indígenas e mídia passa pelo protagonismo dos povos originários por meio de rádio, escrita, fotografia e vídeo.

Como tudo começou

Segundo o escritor e poeta Olivio Jekupé, da aldeia krukutu, a história da criação do Projeto CECI ocorreu da seguinte forma:

“Antigamente, a gente recebia os turistas aqui na aldeia krukutu com muita dificuldade, às vezes estava frio ou chovendo, e para atendê-los era complicado, tinham poucos moradores e somente casas simples de pau a pique, não tinha nem escola ainda. Por isso, já nos anos de 2002, a gente pensava que tinha que fazer algum centro cultural para receber melhor os turistas e, nessa época, tinha um rapaz que vinha ajudar a gente na associação para divulgar o turismo, conhecido por Sidney Soares, quando ele, eu e o Marcos Tupã passamos a estudar o tema. A ideia era utilizar os recursos que viriam da campanha da fraternidade, que falava dos povos indígenas. Ela havia doado uma quantia que poderia ser usada nessa construção que sonhávamos. Com o apoio dos moradores, por meio da mão de obra indígena, seria construído um pequeno centro cultural. Nos estudos realizados, ficou claro que a casa cultural deveria ser um espaço também para a sistematização da tradição Guarani, um lugar onde fosse possível trabalhar com o conhecimento dos *xamoï kuery*, de uma maneira nova, junto aos jovens. Utilizando meios modernos, como a televisão e a internet, para comunicar nossa tradição. A princípio, a ideia seria fazer desse espaço um anexo da casa de reza, mas o Sr. Marcos Tupã considerou melhor que a construção fosse junto à associação, assim poderíamos utilizar um espaço já construído.

Com o passar do tempo, recebemos o dinheiro da campanha, mas ele não seria suficiente para construir,

ficaria três vezes mais o valor recebido, aí nosso sonho foi-se embora e não conseguimos construir o tal projeto. Mas não desanimamos e guardamos a ideia e sempre comentávamos as possibilidades de um dia dar certo. Aliás, o desenho criado foi feito pelo próprio Marcos Tupã, pensando nas antigas casas Guaraní, ele chegou à conclusão de que a casa cultural deveria ser inteiramente redonda. E o primeiro projeto foi escrito pelo Sidney Soares, ouvindo nossas ideias.

Já nessa época, nós tínhamos uma forte ligação com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo; muitas reuniões eram feitas e nós éramos convidados a participar, quando a senhora Maria Nilda Teixeira, que tinha um forte respeito pelos povos indígenas, me perguntou se existia algum trabalho da prefeitura ou do governo com as crianças de 0 a 6 anos. Falei que a gente tinha um projeto, mas que estava engavetado. De repente, notei que ela gostou do que ouviu e me disse que a Secretaria poderia ajudar nesse projeto. Ao ouvir aquilo, fiquei emocionado.

Ao voltar para a aldeia krukutu, fui direto falar com o cacique da época, com o senhor Ventura, com a Marcos Tupã, o Geraldo, que era o presidente da associação Guaraní *nhe'eporã*, e o Ércio. No dia seguinte, liguei para a senhora Maria Nilda e oficializamos o dia

de sua visita à aldeia. Agendamos para uma semana depois e, no dia combinado, ficamos todos no centro da aldeia, ao lado do escritório da associação. Quando deu 10 horas da manhã, chegaram três carros da Secretaria, com uma grande equipe. Foi uma grande alegria ver a chegada de todos eles, começamos a perceber que o negócio era sério mesmo e que a Maria Nilda não estava brincando.

Logo em seguida, todos entraram no escritório da associação, cada um se apresentou; primeiro, foi a Maria Nilda; em seguida, foi um engenheiro, o Wanderley, e depois o Antônio Passat, fotógrafo da SME.

Posteriormente, foi a nossa vez. Primeiro, apresentou-se o cacique Ventura; em seguida, o Geraldo; o Ércio, o Marcos Tupã, depois eu falei e também falei outros moradores que estavam presentes.

Para nós, foi uma grande alegria mostrar nossa ideia. E foi assim que eles se propuseram a realizar nosso sonho, ao nos oferecer uma construção bem maior do que a elaborada em nosso projeto inicial. Além do centro cultural, poderíamos ampliar o projeto com uma construção que tivesse cozinha, banheiro, escritório e sala de aula para as atividades com as crianças.

Ao ouvir aquilo, pude ver nos olhares dos moradores que estavam todos felizes, e para nos alegrar ainda mais, a Maria Nilda perguntou:



Foto: Paula Leitão-FOVE-CM-COPED-SME

– E nas outras aldeias, Tenondé Porã e Jaraguá, a gente poderia fazer uma construção igual, será que eles gostariam que a gente fizesse?

Ao ouvir isso, ficamos mais alegres ainda, porque a ideia da Maria Nilda seria para todos.

Nesse mesmo dia, foi agendada uma visita para que ela pudesse levar os 4 (quatro) caciques: Ventura, da aldeia krukutu; Manoel Lima, da Tenonde Porã; José Fernando e Jandira, do Jaraguá e também outras lideranças das aldeias para que fossem até a Secretaria Municipal de Educação – SME para resolver melhor o assunto dessa construção para as quatro aldeias.

Várias reuniões aconteceram para trocarmos ideias entre a SME e as lideranças das 4 (quatro) aldeias, além de outros participantes.

O tempo foi passando até que iniciaram a construção dos três CECIs nas Aldeias Krukutu, Jaraguá e Tenondé Porã.”

CECIs e a Educomunicação

O CECI Jaraguá teve a sua primeira formação de rádio em 2009, quando foram contemplados pelo **Projeto Machuca**¹. Suas primeiras produções eram audiovisuais, eles filmavam as entrevistas e depois salvavam no computador para transmitir apenas o áudio da gravação. Por meio do rádio, conseguiram criar uma rede de educação envolvendo culturas e classes sociais diferentes, favorecendo a integração, a valorização das relações humanas e a cultura da paz. As escolas participantes do Projeto Machuca foram: o CECI Jaraguá, o CEU Parque São Carlos e o Colégio Passionista São Paulo da Cruz. Nesse período, o programa era chamado **Rádio TV CECI** e ainda podemos encontrá-lo no *YouTube* (<https://youtu.be/47qaCUcYKpQ>).

Em 2012, os educadores dos CECIs passaram a trabalhar a educomunicação com o programa **Nas**

Ondas do Rádio. Eles se reuniam na sede da SME para os encontros de formação. As gravações passaram a ser salvas em sites de podcast.

O gestor do programa Nas Ondas do Rádio, Carlos Lima, instalou equipamentos de rádio nos três CECIs, que também possuem sala de informática com acesso à internet. Os educadores aprendem a linguagem do rádio, fazendo spots e podcast na língua Guarani, usando as caixas de som para tocar músicas indígenas.

A Rádio Kylinguê foi criada nesse período com o objetivo de fortalecer a educação escolar, apoiar a valorização das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Nos CECIs, todos são motivados a participar de eventos fora das aldeias. Na Bienal do Livro em 2016, os indígenas atuaram como estudantes repórteres e realizaram entrevistas para criarem podcast.

O cotidiano dos próprios CECIs geram temas para essas produções radiofônicas: diariamente, as crianças com até sete anos de idade participam de atividades ligadas à própria cultura indígena Guarani, seja brincando com arco e flecha, escutando histórias contadas pelos mais velhos (*xamoi kuery*) e pelos familiares/responsáveis pelos estudantes, quando fazem artesanato ou participam de rituais na Casa de Reza – a *Opy*. Os eventos produzidos também servem para mobilizar a comunidade para contemplar a cultura guarani. “Dia da alimentação tradicional Guarani”, em 2016, no CECI Jaraguá.

Legislação e Educação indígena

Sobre a legislação e a educação indígena, diz a Constituição que:

¹ O Projeto Machuca foi uma “experiência de educação desenvolvida por três escolas da Cidade de São Paulo com realidades socioculturais significativamente diferentes: uma escola pública da periferia, um colégio católico particular e uma escola indígena Guarani. Essas comunidades interagiram por meio de diversas mídias na criação de diálogos e debates, e realizaram encontros com enfoque na discussão da Ecologia e Cultura da Paz”. Ver em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04062012-114407/pt-br.php>

Art. 210.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (BRASIL, 1998).

As abordagens sobre a cultura Guarani *mbýá* dão suporte a várias estratégias e ações práticas, que devem ser integradas num contexto educativo para leitura e produção midiática. Algumas delas:

- exercício da escuta inteligente;
- reflexão em grupo a partir de material temático (exemplos de áudio);
- produção de roteiros e pautas;
- exploração de ferramentas tecnológicas específicas;
- gravação de podcast;
- veiculação dos programas produzidos.

Nas regiões dos CECIs, o povo indígena denomina-se *Guarani mbyá*. Segundo os coordenadores dos CECIs, a população aproximada é de 1.000 indígenas na aldeia Jaraguá, 700 na Tenondé e 300 na Krukutu). A rádio Educom visa facilitar a comunicação entre todos os indígenas de São Paulo, assim como em outros territórios. A importância do rádio para a população brasileira é enorme diante do fato de mediar o acesso ao direito de ouvir e difundir as culturas que aqui convivem. Essa mídia traz subsídios a atividades que envolvem comunicação com as crianças, que é o foco dos três CECIs.

Hoje existem equipamentos disponíveis nos três CECIs, que são utilizados para a prática radiofônica, para fotografar e filmar a cultura Guarani e práticas nas quais se adota a escrita Guarani, com a tradução para a Língua Portuguesa. ■





Michela Pereira

Educomunicação na Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de São Paulo

Por
Michele Marques Pereira¹
e Marcelo Augusto Pereira
dos Santos²

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação e especialista em Educomunicação na ECA/USP; formadora do Núcleo de Educomunicação da SME-SP e diretora de Formação e Assuntos Profissionais da ABPEducom.

² Educador Infantil, especialização em Educomunicação na ECA/USP e Gestão Pública Municipal na UNIFESP; Analista de Soluções no Instituto Unibanco.

Com a implementação do projeto Educom.Rádio, em 2001, foram múltiplas e diversas as experiências que, a partir dos princípios educacionais, passaram a compor o quadro de transformação social e das relações comunicativas nos diferentes espaços, níveis e modalidades da Rede Municipal de Ensino – RME de São Paulo. Aqui falaremos de um desses espaços: a Educação Infantil. Vamos começar essa contação!

Primeiros passos com grandes descobertas!

Práticas educacionais acontecem sem que sejam definidas como tal. Na infância, período no qual protagonismo, diálogo, colaboração e autoria fazem parte do cotidiano, encontra-se um ambiente propício para que tais práticas sejam desenvolvidas. Foi assim que nasceu uma das ações que faz parte da história e marca o início das relações entre a Educomunicação e a Educação Infantil: a Rádio Jacaré, criada em 2009.

Realizada na Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI Antônio Munhoz Bonilha, em Piratuba, pela professora Ana Paula Emilio Escudeiro e pelas crianças de quatro e cinco anos, a Rádio Jacaré foi o primeiro projeto de rádio em espaços da infância do qual se tem registro.

A iniciativa ganhou o nome de Rádio Jacaré FM a partir do projeto sobre répteis, com o qual as crianças estavam envolvidas na época. O protagonismo infantil era umas das bases estipuladas pela professora Ana Paula, que mediava a experiência, buscando garantir a criação e a participação das crianças em todos os processos.

Considerada como a primeira rádio mirim da Cidade de São Paulo, teve inauguração oficial acompanhada pelo então Prefeito Gilberto Kassab e o Secretário Municipal da Educação Alexandre Schneider, que foram entrevistados pelas crianças. A cobertura jornalística teve a presença dos adolescentes da Rádio Graciosa, coordenada pelo professor Fábio Nepomuceno,

da Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Fernando Gracioso, de Perus.

Segundo Ana Paula, a rádio teve como um dos pressupostos fundamentais a validação das vozes das crianças que, como sujeitos de direitos, devem protagonizar a construção cultural de ambientes pensados para elas, como são as escolas infantis. Tornar coisas imagináveis em ações concretas era rotina para Ana Paula e suas crianças.

A ação iniciada pela Rádio Jacaré inspirou outras Unidades Educacionais e profissionais da RME. Foi o que aconteceu com Marcelo Augusto Pereira dos Santos. Enquanto Professor Orientador de Informática Educativa – POIE, na EMEI Antônio Munhoz Bonilha, colaborou com a Rádio Jacaré em alguns momentos e sentiu-se inspirado a construir espaços de protagonismo dos discursos das crianças. Assim surgiu a TV Cedro Rosa, projeto educacional desenvolvido por ele, em colaboração com a diretora Sandra Lia Romio e com as professoras, na EMEI Eunice dos Santos, entre 2010 e 2012. Para desenvolvê-lo, realizou curso sobre práticas educacionais, o , oferecido pelo Programa Nas Ondas do Rádio da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O projeto, composto por crianças entre quatro e cinco anos, tinha como base trazer a Cidade de São Paulo e seus pontos turísticos para dentro da escola por meio de documentários produzidos pelas crianças, “uma TV produzida pelas crianças, para crianças, sobre lugares de crianças”, como diz o lema do projeto.

No início dos anos 2010, os projetos aqui citados receberam destaque em premiações. Em 2010, Ana Paula Escudeiro, com o projeto da Rádio Jacaré FM, recebeu o prêmio de Professora Destaque, pela RME de São Paulo. E, em 2011, também tem história! Neste ano, a Rádio Tem Gato na Tuba, promovida pela POIE Deise Regina Ferreira e a diretora Cibele Racy, em parceria com as professoras e crianças da EMEI Nelson Mandela (na época, EMEI Guia Lopes), foi premiada na Festa do Professor 2011. Em 2012, Marcelo Santos, com o projeto da TV Cedro Rosa, recebeu o Prêmio Paulo Freire.

Com nome para lá de criativo e gostoso de falar, a Gato na Tuba foi um tipo de rádio que você só encontra em espaços infantis: todo final de mês, planejada por uma turminha da escola, a programação da rádio acontecia no pátio, com pauta feita com desenhos, estilo storyboard, auditório, participação das famílias e muita música, o que promovia um encontro criativo, produzido pelas crianças.

Como falar dos primeiros passos, sem falar de fato de pequeníssimos passos? Na mesma época, a diretora Rosmari Pereira de Oliveira trouxe, para brincar de produzir, os bebês e crianças do Centro de Educação Infantil – CEI CEU Vila Curuçá, da Zona Leste, que criaram a Rádio Pingo de Gente. É cada nome!

CEIs atendem crianças de zero a três anos, imaginou o desafio? Consciente que todas as crianças, desde as bem pequenas, têm voz e produzem cultura, Rosmari as trazia para sua sala, onde havia computador com microfone de voz e lá, juntos, produziam gravações, convites para a comunidade, cantavam músicas e contavam histórias. Mas também iam por aí, entrevistando todo mundo.

Crescemos, mas estamos do mesmo tamanho!

Passados dez anos dos primeiros registros históricos de ações educacionais infantis da RME, o número de projetos e práticas foi se multiplicando pela cidade. Ou seja, as práticas educacionais cresceram, mas seus protagonistas continuam as pequenas e os pequenos.

Este é o caso das Unidades que contam com o projeto Imprensa Mirim, uma agência de notícias desenvolvida pelas crianças, que busca promover o protagonismo infantil e a ampliação dos meios de comunicação em espaços educativos de forma democrática, dialógica, horizontal e participativa, inclusive das famílias.

Atualmente no ar, alguns projetos já têm muita história para contar. O Imprensa Mirim da EMEI Angenor de Oliveira Cartola, que tem como uma das idealizadoras a professora Silvia Santos, completa 6 anos de atividades em 2020. As crianças fazem a cobertura jornalística de acontecimentos que ocorrem na Unidade Educacional e em eventos externos, e já trabalharam com produção de rádio escolar, radiodramaturgia, fotografia, jornal mural, vídeos, reportagens e telejornal.

Para a professora Silvia Santos, o Imprensa Mirim "vai além da comunicação oral das crianças. Nós buscamos promover o sentimento de pertencimento do espaço público e a percepção de que a criança pode transformar o espaço ao seu redor."

A Educomunicação também segue presente nos CEIs da cidade. No CEI Direto Jardim Reimberg, as práticas educacionais iniciaram com a professora Marcia Curti de Mello, que, após realizar o curso Jornal Impresso, em 2015, oferecido pelo Núcleo de Educomunicação, iniciou o projeto do Jornal Mural no CEI, no qual divulgava as principais ações para a comunidade.

A professora Cláudia Regina dos Santos deu continuidade ao projeto implementando o Imprensa Mirim, em que as crianças investigam e registram o cotidiano. As produções realizadas por elas passaram a compor o jornal, os portfólios e a documentação pedagógica apresentados na escola e para as famílias.

A sensação de pertencimento e integração das crianças e famílias à escola e à comunidade representam as principais mudanças no ambiente do CEI, na opinião da professora Cláudia Regina, que enfatiza: "o que mais me marcou na experiência da Imprensa Jovenzinha foi a mudança no olhar e na postura dos pais das crianças envolvidas no projeto, que passaram a valorizar a Educação Infantil".

Outro exemplo de projeto educacional com bebês e crianças é o da Rádio CEI Vila Missionária. O movimento foi iniciado pela coordenadora Maria do Carmo Irenio e a diretora Ellen Cristina de Moraes Pereira Bezerra, e contou com

Imprensa Mirim "vai além da comunicação oral das crianças. Nós buscamos promover o sentimento de pertencimento do espaço público e a percepção de que a criança pode transformar o espaço ao seu redor."

a colaboração de todas as professoras e quadro de apoio. Buscando ampliar a comunicação com as famílias e provocadas pela formadora Michele Marques Pereira, do Núcleo de Educomunicação, que levou como inspiração a Rádio Jacaré FM, foi criada, colaborativamente, a rádio da Unidade. Um diferencial inicial do projeto foi uma sequência formativa com todas as professoras e a equipe de apoio da Unidade sobre Educomunicação, meios de comunicação e possibilidades do projeto.

Os programas da Rádio CEI Vila Missionária trazem temas, como convites das crianças para a festa cultural de 2019, sons que os bebês fazem ao acordarem e ao tocarem instrumentos juntos, vinhetas, entrevistas com as famílias e um cordel intitulado Cordel do bebê, escrito pela professora Cleane Fontebasso Gonçalves. Os programas são editados por Suzana Medeiros, Auxiliar Técnica de Educação da Unidade.

Com o intuito de pesquisar práticas educacionais na Educação Infantil, a formadora Michele Marques Pereira realizou, como pesquisa de campo para o mestrado em curso, em Ciências da Comunicação, na Universidade de São Paulo, uma pesquisa-ação na EMEI José Bonifácio de Andrada e Silva, que teve a participação da creche CEI Espaço Criança Elias Antônio Zogbi.

As 240 crianças da EMEI, entre três e cinco anos, foram convidadas a fotografar a escola e o cotidiano, para apresentarem às crianças do CEI que poderiam vir a estudar na escola no ano seguinte. Em rodas de conversa, com a projeção das

imagens, as crianças foram convidadas a falarem sobre suas motivações e percepções sobre as fotografias que realizaram. Falas que compuseram uma carta para os bebês e crianças do CEI, entregue pelas crianças da EMEI, em conjunto com uma mostra das fotografias. As crianças da EMEI conversaram com os bebês e as crianças do CEI e as convidaram para visitar sua escola. Visita que foi uma grande festa comunicativa.

A gente experimenta, cresce, aprende e mostra!

As ações destacadas apontam experiências de práticas educacionais e nos provocam reflexões sobre as diversas possibilidades de explorar e criar com as crianças a partir das tecnologias de comunicação e informação.

Refletir como os meios de comunicação e informação podem ser implementados no currículo e nas práticas da Educação Infantil, a partir da abordagem educacional, pode contribuir para ampliar o coeficiente comunicativo nas Unidades Educacionais e aprofundar a leitura crítica e reflexiva dos meios de comunicação e das práticas pedagógicas; assim como favorecer o protagonismo e a expressão artística, comunicacional e cultural dos adultos, como também e, principalmente, das crianças, em uma perspectiva de produção cultural.

Produção esta que se torna documentação pedagógica destes processos. Os profissionais da infância, como vimos, buscam construir diálogo com as famílias sobre as atividades e experiências das crianças, evidenciando e registrando percursos das pequenas e dos pequenos. A educacionalização permite que os registros sejam a atividade em si, a ser compartilhada e construída colaborativamente. A Rádio, o Jornal, a Fotografia, a TV, seus programas e produções são portfólios em si. Eles contam essa história. História aqui compartilhada em parte.



A cada ano que passa, observamos ações educacionais sendo multiplicadas na Educação Infantil da RME de São Paulo, como é o caso do Imprensa Mirim na EMEI Dulce Hauck, idealizada pela professora Melúzia Ribeiro Luz Kiryu, e na EMEI Professor Pedro A. C. Moraes, idealizada pelas professoras Gil Goulart e Andressa Pires. As ações vão se multiplicando, inspirando e trazendo mais história para ser contada. Por isso, nossa contação não termina por aqui, pois há muito mais riquezas e contos que você, assim como as crianças, podem continuar a conhecer e, quem sabe, se inspirar com essas e tantas outras ações que se multiplicam na cidade. Deixamos aqui um rastro para explorações sobre educação nas múltiplas infâncias. ■

Rádio Jacaré FM - bit.ly/radiojacarefm

TV Cedro Rosa - bit.ly/tvcedrorosa

Rádio Gato na Tuba - bit.ly/radiogatonatuba

Rádio Pingo de Gente - bit.ly/radiopingodegente

Imprensa Mirim EMEI Cartola - bit.ly/impresamirimemeicartola

Imprensa Mirim CEI Jardim Reimberg - bit.ly/impresamirimceijardimreimberg

Rádio CEI Vila Missionária DRESA - bit.ly/radioceivilamissionariadresa

Mostra Fotográfica EMEI José Bonifácio - bit.ly/mostraemeijosebonifacio

Referências

ESCUADERO, Ana Paula Emilio. A experiência da Rádio Jacaré na EMEI Antônio Munhoz Bonilha-SP. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCOMUNICAÇÃO: EDUCAÇÃO MÍDIÁTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 5., 2013, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ABPEducum, 2014.

SANTOS, Marcelo Augusto Pereira dos. **Cuidar, educar e comunicar:** estudo sobre as relações entre Educomunicação, Educação Infantil e Formação de Professores na cidade de São Paulo, 2013. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

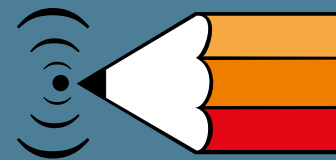
Linha do tempo

EDUCOMUNICAÇÃO: uma POLÍTICA PÚBLICA em CURSO



PROJETO

NAS ONDAS
DO RÁDIO



PROGRAMA

NÚCLEO DE EDUCOMUNICCAÇÃO



Reconhecimento internacional

Imprensa Jovem é destaque em conferência global de Alfabetização Midiática da UNESCO na Suécia



O Coordenador do Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Carlos Lima, apresentou as boas práticas de Educomunicação desenvolvidas na Rede Municipal de Ensino para centenas de pessoas no maior evento do mundo de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), a Global MIL Week Feature Conference 2019, promovida pela UNESCO e parceiros, na Cidade de Gotemburgo, na Suécia, em setembro de 2019. Atualmente, 417 escolas municipais de São Paulo têm projetos relacionados com esta temática no contexto do Currículo da Cidade, que envolvem estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, incluindo Educação de Jovens e Adultos, os quais realizam diferentes atividades midiáticas, como coberturas jornalísticas de eventos, programas de rádio, blog e mídias digitais, gravação de programas audiovisuais, cinema, jornais mural e impresso, fotografia, história em quadrinhos e artes.

A Alfabetização Midiática é hoje o principal mecanismo para o combate às *fake news*, permitindo que, na escola, os estudantes já adquiram informações necessárias e consciência para evitar o compartilhamento e a produção de notícias falsas. A experiência paulistana também se destaca por trabalhar com diferentes temáticas relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS da ONU, pois o Currículo da Cidade, por meio de uma parceria entre a SME de São Paulo e a UNESCO Brasil, é o primeiro do mundo a ter os Objetivos de Aprendizagens e Desenvolvimento relacionados com os ODS. O professor Carlos Lima comentou sobre a sua participação no evento. “Estamos muito felizes, porque talvez seja o único projeto do Brasil a falar sobre escola pública em um evento que reúne pessoas do mundo todo, incluindo a presença de jornalistas e pesquisadores. Apresentamos um pouco do que os nossos estudantes têm demonstrado como soluções para o desenvolvimento de uma comunicação democrática, solidária, que promova a paz, a alegria e felicidade dentro das escolas”, finaliza Carlos.

Segundo Rebeca Otero, coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil, o trabalho que a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo realiza e com o qual a Representação da UNESCO no Brasil

colabora, deve ser compartilhado, pois tem o envolvimento de jovens e professores das escolas municipais, dissemina temas relacionados aos ODS, e o formato de sua construção foi muito bem sucedido, podendo servir de exemplo para outras localidades do mundo. “Por isso, é importante aproveitar oportunidades como essa para mostrar o que está sendo feito em São Paulo e no Brasil, para poder servir de exemplo e contribuir em processos similares em outras localidades, colaborando para transformar o mundo em um lugar melhor, com mais informação de responsabilidade, comunicação e engajamento de todos na transmissão do conhecimento. A escola é o lugar certo para essa iniciativa”, reconhece a coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil.

A Global MIL Week é uma conferência mundial que trata do tema da Alfabetização Midiática e Informacional, cuja edição 2019 contou com especialistas de 55 países. A experiência da SM de São Paulo foi selecionada para ser apresentada em uma mesa plenária para todos os participantes do evento. Entre os presentes, destacaram-se a Ministra de Educação da Suécia, a representação da Direção-Geral de Comunicação e Informação da UNESCO (global), representação da Universidade de Gotemburgo (Cátedra UNESCO para Liberdade de Expressão, Desenvolvimento de Mídia e Política Global), além de experiências de Coreia do Sul, Filipinas, México, Índia, Bélgica e outros países. “É por meio da Alfabetização Midiática e Informacional – AMI que conseguiremos evitar a disseminação de *fake news*, que ensinaremos os cidadãos a receberem e analisarem criticamente os assuntos publicados tanto na mídia tradicional quanto nas novas mídias, e que também os formaremos para serem capazes de produzir conteúdo de relevância e qualidade para seus pares, enriquecendo os seus debates. Ou seja, ela trata de diversos aspectos relacionados tanto à comunicação quanto à educação”, explica Rebeca. ■

Por
Maria Rehder

Consultora do setor de Educação da UNESCO no Brasil e formadora do Núcleo de Educomunicação da SME-SP. Atualmente também vice-presidente da ABPEducom - Associação Brasileira de Profissionais da Educomunicação

Alton Grizzle um dos organizadores do evento, convidou à seguinte reflexão: *Pode um envolvimento crítico com o acesso às informações corretas promover a paz e o respeito pelos direitos dos outros? “Quando as pessoas têm consciência sobre todos os tipos de informações que recebem e que compartilham, refletindo criticamente sobre a sua autenticidade, origem e a possível intenção das informações e, por consequência, acabam por tomar decisões conscientes e informadas, podemos dizer que elas estão no rumo de serem alfabetizadas midiaticamente e informacionalmente”, ressaltou em documento oficial do evento.*



Educomunicação: o que é e como aplicar na sua aula

Saiba mais sobre a aplicabilidade da Educomunicação no cotidiano das atividades pedagógicas



A Educomunicação propõe uma intervenção a partir da Educação para a mídia, ou seja, o professor e os estudantes desenvolvem em sala de aula conteúdos educativos, fazendo a gestão democrática das mídias práticas de ecossistemas comunicativos abertos e criativos.

Trata-se de uma proposta que possibilita ampliar o diálogo, a participação e a criatividade em espaços formais e informais de aprendizagem. Dentro do ambiente escolar, suas ações ampliam a capacidade de expressão dos estudantes e também estimulam o pensamento crítico sobre as informações que eles consomem diariamente nos veículos de comunicação. Além disso, as crianças e adolescentes também podem ser protagonistas na produção dos seus próprios conteúdos.

Benefícios da Educomunicação na aprendizagem

A Educomunicação tem foco em ações destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos, abertos e criativos, em espaços educativos mediados pelas linguagens e processos da comunicação, garantindo aprendizagens e a liberdade de expressão.

A sala de aula é um espaço para as relações humanas. É também um território dedicado à apropriação, construção e produção de conhecimento. A proposta da Educomunicação para as aulas é exatamente alinhar relações humanas e aprendizagem.

As linguagens de comunicação e as tecnologias midiáticas têm papel fundamental nos processos educacionais. São meios para que os estudantes possam expressar a sua criatividade, desenvolver a comunicação, engajar-se coletivamente e integrar suas impressões e pontos de vista no processo de construção do conhecimento e da autoria.

Educomunicação na prática

O rádio na sala de aula e a produção audiovisual, jornalística e fotográfica são propostas que geram

participação e processos balizados pela pedagogia de projetos. O estudante “sente-se protagonista” ao mesmo tempo em que entende o valor da sua colaboração e da do colega no planejamento e na produção da atividade.

Na sala de aula, muitas atividades podem ser desenvolvidas com os estudantes, desde a criação de uma rádio, de um jornal interativo, passando por podcasts com entrevistas, usando recursos gratuitos para a edição e publicação, como Audacity, blogs e recursos como o celular, aos quais o estudante pode recorrer.

O professor enfatiza que é preciso criar ambiente na sala de aula que propicie o diálogo e a interação entre estudantes e dos estudantes com o professor. A participação do professor como mediador do processo é fundamental para a fruição da proposta educacional nas aulas.

A Educomunicação cria oportunidades de integrar conteúdos curriculares com as percepções de mundo dos estudantes. Os alunos podem aproveitar a oportunidade para desenvolver intervenções sociais na comunidade por meio da produção de vídeos, de programa de rádio, de jornal estudantil, de jornal comunitário, de postagem de matérias jornalísticas nas redes sociais da escola, de realização de mostras fotográficas e realização de cineclubes para atender a comunidade escolar.

Recursos digitais em sala de aula

O professor pode desenvolver diversos projetos com os estudantes para apoiar o processo de construção do conhecimento e autoria. Os alunos podem utilizar tecnologias móveis, como celulares e tablets, como aliados na construção da mídia – para acessar e pesquisar conteúdos, gravar áudio, produzir imagem, vídeo e texto. Os estudantes serão capazes de criar vídeos e podcasts para postar nas redes, chegando a projetos como mostras virtuais de imagens.

Os benefícios são muitos para a aprendizagem. Os alunos exercitam a leitura, a compreensão textual, trabalham com diferentes gêneros textuais e

ainda diversas formas de comunicação verbal, não verbal e textos multimodais. Eles desenvolvem seu senso crítico em entrevistas e ficam conectados com o mundo a partir de suas visões ao criar pautas e trabalhar com temas atuais.

Com ferramentas digitais, os estudantes podem recorrer a editores de áudio, de vídeo, com o VSDC

ou OpenShot; de imagem com o GIMP; podem atuar como diagramadores para editoração de jornal ou revista com o Scribus ou Publisher, ou na produção de história em quadrinhos e de criação de vídeo de animação com o Muan. São aplicativos gratuitos que podem transformar as aulas em um centro de produção de mídia. ■





Sem deixar ninguém para trás!

**Vozes dos estudantes pelos ODS
ecoam pelas escolas e impactam o mundo**

Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos; todas e todos, sem exceção e sem deixar ninguém para trás! Esse é o lema e a diretriz da Agenda 2030, um plano de ação global adotado por 193 países-membros da Organização das Nações Unidas – ONU em 2015, que indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS e suas respectivas 169 metas, a serem alcançadas até 2030, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos em nosso planeta. Esse é um plano para todas as pessoas, para o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal.

O alcance dos ODS é um grande desafio, que requer forte parceria e aliança global com a participação ativa de todos, incluindo governos, sociedade civil, setor privado, academia, mídia, tendo a escola como um dos parceiros fundamentais, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, afirma Rebeca Otero para a Revista Magistério nesta reportagem especial. Leia a seguir a entrevista exclusiva concedida por Rebeca Otero, coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil.

O comprometimento de estudantes, famílias, comunidades e dos profissionais da educação da Rede é peça-chave para promover as transformações necessárias, a partir de hoje, rumo ao alcance de todos os ODS no Brasil e no mundo em 2030. Transformações estas que resultem das atitudes mais individuais em nossa casa, no nosso dia a dia, às ações mais coletivas, principalmente quando realizadas a partir da escola, contextualizadas com as necessidades e realidades de nossas comunidades.

Mas, afinal, o que são os ODS? O que você e a sua escola têm a ver com isso? Qual é a força e a importância do envolvimento, hoje, dos estudantes, suas famílias e de todos os profissionais da educação da Rede Municipal de Ensino de São Paulo para o alcance do desenvolvimento sustentável do mundo em 2030?

A Revista Magistério, com o objetivo de auxiliá-lo a responder essas perguntas, por meio desta reportagem especial, apresenta o que são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS a partir da realidade e perspectiva da escola. Este texto traz entrevista com

especialistas, depoimentos e práticas de professores e gestores de escolas da Rede Municipal de Ensino e vozes de estudantes.

A Educação e os ODS

A educação é tanto um objetivo (ODS 4) em si mesmo como um meio para atingir todos os outros ODS. Não é apenas uma parte integrante do desenvolvimento sustentável, mas também um fator fundamental para a sua consecução. É por isso que a educação representa uma estratégia essencial na busca pela concretização dos ODS, conforme reconhecido pela UNESCO na publicação Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Objetivos de Aprendizagem (UNESCO, 2017).

Fruto do reconhecimento desta aliança estratégica entre a escola e a Agenda 2030 é que, de forma pioneira no mundo, uma parceria da Secretaria Municipal de Educação – SME de São Paulo com a UNESCO Brasil, faz do Currículo da Cidade o primeiro currículo do mundo a trazer os ODS de forma transversal por todos os componentes curriculares e também relacionados com todos os objetivos de aprendizagem. Os resultados desta iniciativa já podem ser constatados a partir da riqueza e pluralidade dos diferentes projetos e iniciativas promovidas a partir do coração das escolas municipais, em consonância com as prioridades de seus Projetos Político-Pedagógicos – PPPs e realidades de seus territórios, conforme veremos a seguir.

É na escola que são apreendidos os hábitos fundamentais para uma boa saúde desde a Educação Infantil, como lavagem de mãos, alimentação saudável, até ações de erradicação do *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue e da febre amarela urbana. É também na escola que se promove a mudança de comportamento individual e coletivo em prol de atitudes responsáveis pelo meio ambiente. Outrossim, a escola é o espaço em que os profissionais de educação, em aliança com os estudantes e famílias, conseguem identificar os casos de trabalho infantil ou qualquer tipo de exploração.

Estes são apenas alguns importantes exemplos práticos que evidenciam a necessidade de uma abordagem integrada a partir da escola para o cumprimento da Agenda 2030, pois os ODS são integrados e indivisíveis e mesclam, de forma equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.

Direitos humanos e os ODS

Os ODS, conforme o preâmbulo da Agenda 2030, buscam concretizar os direitos humanos de todos. A escola é o espaço em que o direito humano à educação é realizado, em interdependência com muitos outros direitos, a partir da inclusão de uma cultura de paz e de práticas não discriminatórias que valorizam as diversidades, promovendo a igualdade de gênero e o empoderamento das meninas e mulheres.

Segundo o diretor do Núcleo Técnico de Currículo, Wagner Palanch, os ODS têm sido trabalhados no âmbito do Currículo da Cidade a partir de diferentes áreas e iniciativas, oriundas da Educação Infantil aos Ensinos Fundamental, Médio, incluindo a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Vozes, traços e atitudes dos estudantes pela agenda 2030

A convite da Revista Magistério, integrantes do projeto Imprensa Jovem da EMEF Professor Laerte Ramos de Carvalho (DRE Santo Amaro) produziram um texto sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS. A partir de um processo coletivo de escrita pela educomunicação no âmbito do Currículo da Cidade, mediado pela professora Karen Prado Sellis, os estudantes realizaram discussões sobre a Agenda 2030, desenhos temáticos e, ao compreenderem o importante papel dos estudantes e

da escola para o alcance dos ODS, chegaram à conclusão de que é “Parar de dizer e começar a fazer”, título que escolheram para o artigo que produziram.

“Nossa escola tem desenvolvido diversas ações voltadas aos ODS no âmbito de seu Projeto Político-Pedagógico com ênfase no ODS 4: Educação de Qualidade de forma integrada com vários ODS”, afirma a diretora Eliane Aparecida Ferreira da Silva Vasconcelos, que atua há 33 anos na Rede Municipal de Ensino.

Até a tradicional Festa Regional, conforme você verá no texto escrito pelos estudantes, se tornou um importante meio de conscientização para o desenvolvimento sustentável por meio da Barraca Sustentável, realizada, desde 2017, na escola, sucesso entre os estudantes e suas famílias por meio de um projeto desenvolvido pela professora Sílvia Xavier.

E a porta da sala de leitura não poderia ser diferente. Ela traz um desenho produzido com base na reprodução feita pela Turma da Mônica da imagem de uma das primeiras escritoras negras brasileiras, a Carolina de Jesus, cuja obra “Quarto de Despejo” foi tema dos estudos realizados no âmbito das atividades da sala de leitura pela professora Paloma de Andrade Silva, trabalho pedagógico de extrema importância para a implementação da Lei 10.639 (que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana). A mesma porta já teve a “roupagem” de mulher maravilhosa. Paloma desenvolve ações voltadas à igualdade de gênero, importante contribuição para os ODS 5 – Igualdade de gênero e ODS 10 – Redução das Desigualdades, como *Slams* (encontros de poesia falada) e chá literário. Até o pátio da escola é um instrumento

17 Objetivos de
Desenvolvimento
Sustentável - ODS,
da UNESCO





de conscientização. O “Beco do Laerte”, como é carinhosamente chamado pela comunidade escolar, exibe em suas paredes diversas expressões artísticas por meio do grafite, inspiradas no famoso ponto turístico paulistano Beco do Batman, na Vila Madalena. Ali há uma parede dedicada a um mural grafitado, feito por um artista a convite da comunidade escolar, sobre os ODS em um mapa-múndi. Para dar vida e compartilhar o significado de tudo isso, de forma inovadora, a professora Karen tem desenvolvido, por meio do projeto Imprensa Jovem, atividades voltadas aos ODS, como podcasts produzidos pelos estudantes (conteúdo de áudio transmitido pela internet) que ficarão disponíveis por meio de *QR Codes* (código de barras em 2D, que pode ser escaneado pela maioria dos aparelhos celulares), anexados no mural grafitado da escola, para que toda a comunidade escolar possa compreender o

significado de cada ODS, inspirando-a a se comprometer com as ações.

Professores e gestores escolares em ação!

Os ODS são trabalhados em diferentes cursos e iniciativas oferecidas pelo Núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. “#EstudanteTemVoz. Acredito muito na força das vozes e ações dos estudantes nesse movimento de transformação pelo desenvolvimento sustentável no mundo. O Imprensa Jovem é um importante aliado não somente na disseminação das principais mensagens relacionadas aos ODS, mas também no

estímulo ao comprometimento individual, principalmente, da criança e do adolescente. Ao produzir as reportagens, fazer as entrevistas, interagir com a comunidade, pesquisar o tema, o estudante não só contribui para a transformação local, mas também muda suas atitudes, o que pode gerar um impacto positivo em todo o nosso planeta”, afirma Carlos Lima, Coordenador do Núcleo de Educomunicação da SME de São Paulo. O combate a *fake news* nas escolas é um dos exemplos citados por Lima sobre como as práticas de educomunicação podem contribuir diretamente com o alcance do ODS 3 (Saúde e Bem-Estar). “Tem muita desinformação relacionada à saúde sendo divulgada pelo *WhatsApp*, como as questões das vacinas. As *fake news* podem ser um impeditivo para que o Brasil e o mundo alcancem as metas relacionadas à saúde”, exemplifica Lima.

Publicidade e os ODS 2: Fome Zero e ODS 3: Saúde e Bem-Estar

“A oportunidade de trabalhar os ODS com os estudantes por meio das linguagens midiáticas, utilizando o gênero publicitário, foi enriquecedor para minha prática como educadora e para atingir meus objetivos dentro da proposta estabelecida”, afirma a professora Érica Soares de Carvalho Souza, da EMEF Plínio de Queiroz, DRE São Mateus.

Como trabalho de conclusão de um dos cursos oferecidos pelo Núcleo de Educomunicação da SME de São Paulo, por meio do instrumento RAE (Roteiro de Atividade Educomunicativa), que convida os docentes a sistematizarem as suas ideias de práticas e projetos de educomunicação a serem desenvolvidos nas escolas no âmbito do Currículo da Cidade. Neste âmbito, Érica Souza apresentou a proposta educamunicativa “Verdades e Mitos das Propagandas Alimentícias”, voltada ao trabalho com os ODS 2 para o 5º ano do Ensino Fundamental. Com o objetivo de desenvolver o olhar crítico em relação às propagandas de alimentos anunciados como saudá-

veis para que, assim, os estudantes possam mudar seu comportamento, visando uma vida mais saudável, além de desenvolverem o hábito de ler rótulos de alimentos e analisá-los criticamente e compreender a relação da propaganda com o consumo. Esse RAE incluiu a produção de roteiros para entrevista a ser realizada pelos estudantes com nutricionistas da Unidade Básica de Saúde – UBS da comunidade e a produção de *jingles* e peças publicitárias.

A professora Érica Souza explica que a publicidade faz parte do cotidiano desses estudantes. “A todo momento são bombardeados de propagandas alimentícias: na TV, no rádio, na revista, ou até mesmo no carro de som que circula no bairro onde moram. Portanto, a ideia foi dar oportunidade para que esses meninos e meninas refletissem sobre tais propagandas e qualidade dos alimentos que consomem, fazendo um paralelo com os ODS, tema atual e urgente para garantir um planeta melhor, mais equitativo e sustentável para as futuras gerações. Posterior ao trabalho realizado, foi incrível vê-los analisando rótulos, embalagens e propagandas de maneira criteriosa, o que permitiu a ampliação do olhar para além do discutido em sala de aula, possibilitando a busca por uma melhor qualidade de vida”, conclui.

A contribuição da garantia do “direito de brincar” para o alcance dos ODS

O trabalho com a horta pedagógica na EMEI Olga Benário Prestes, DRE Penha, segundo a diretora Edilene de Cássia Zambrana Ferrel Ribeiro, tem levado tanto as crianças quanto as famílias a uma consciência alimentar. Além do ODS 2, a escola trabalha com os ODS 3,4,5,6 e 16 mais diretamente. “Nosso Projeto Político-Pedagógico (PPP) prevê ações de educação inclusiva e os educadores, em suas práticas pedagógicas. As crianças são orientadas sobre o consumo racional tanto da água quanto da energia e nossas ações pedagógicas também promovem a cultura de paz através da mediação de conflitos”, afirma a diretora.

Nesse contexto, a diretora ressalta a importância da educomunicação desde a Educação Infantil para

Ao produzir as reportagens, fazer as entrevistas, interagir com a comunidade, pesquisar o tema, o estudante não só contribui para a transformação local, mas também muda suas atitudes, o que pode gerar um impacto positivo em todo o nosso planeta.

o desenvolvimento de todas essas iniciativas da escola. Mais de 60% da equipe pedagógica da EMEI Olga Benário Prestes, DRE Guaianases, concluiu cursos oferecidos pelo Núcleo de Educomunicação da SME. “Esses cursos são imprescindíveis, uma vez que os estudantes estão cada vez mais ligados às mídias, e os educadores têm de acompanhar esse processo”, afirma Edilene de Cássia Zambrana Ferrel Ribeiro, diretora dessa escola. Ela reconhece as mídias como aliadas da equipe educacional e cita, como exemplo, a importância das fotos e vídeos publicados nas redes sociais, que aproximam muito a família da escola, fato que confere visibilidade a todas as práticas pedagógicas.

Imprensa Jovem em trilha pelo ODS 13: Mudanças Climáticas Globais – MCG

Carmem Gattás, Formadora do Núcleo de Educomunicação da SME de São Paulo e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, tem integrado algumas escolas da Rede Municipal às atividades do Projeto “Trilha das Mudanças Climáticas Globais” – TMCG do Instituto de Biociências (IB/USP) e Parque CienTec–USP, desenvolvido em parceria com unidades de conservação e escolas públicas do Estado de São Paulo. “A proposta é discutir sobre o tema das Mudanças Climáticas Globais – MCG, promovendo a curiosidade dos estudantes e colaborando para seu desenvolvimento em todas as dimensões (intelectual, física, social, emocional e cultural), de forma a facilitar o aprendizado do processo científico e para o desenvolvimento de várias habilidades,

inclusive para a produção de vídeos educativos”, explica Gattás.

O projeto se alinha à Base Nacional Comum Curricular, partindo da formação de professores e se desdobrando em uma gincana, desenvolvida em trilha, no interior da mata, em unidade de conservação, para estudantes de escolas municipais, estaduais e indígenas, em que diversos desafios colaboram para compreender os mecanismos envolvidos no ciclo do carbono, no processo da fotossíntese, na formação dos combustíveis fósseis e na relação com as MCG. “Um dos principais desafios desse projeto é a mudança de postura dos participantes em relação aos valores de cooperatividade, dialogicidade e de horizontalidade nas relações”, afirma Gattás.

Na Cidade de São Paulo, as trilhas desse projeto foram realizadas na Raia Olímpica da USP, no Parque CienTec/USP e no Parque Jaraguá, a partir de uma rede de cooperação entre diversas instituições, unidades de conservação e escolas públicas, em que todos dialogam numa troca de conhecimentos para a melhoria do ensino. A formadora Carmén Gattás explica que as atividades são idealizadas como suporte ao Ensino Fundamental e Médio, promovendo a formação de professores e estudantes de escolas públicas, ao longo do seu desenvolvimento. Segundo ela, essa rede de colaboração envolve também ações no Parque Estadual Ilha Anchieta, no Mosaico de Unidades de Conservação Juréia-Itatins e nos Núcleos Caraguatatuba, São Sebastião e Padre Dória do Parque Estadual da Serra do Mar e nas escolas públicas estaduais e municipais do seu entorno”.

Desde 2017, mais de 100 estudantes da EMEF Luiz David Sobrinho, DRE Pirituba-Jaraguá, participaram das atividades do projeto, cuja trilha,

em 2019, foi realizada no Parque Jaraguá, próximo à escola. “A atividade, com certeza, somou muito, pois dialogou com o currículo de Ciências dos professores e com discussões que a escola já tem feito, principalmente com a Semana do Estudante, com destaque especial para 2019, pois focamos em Direitos Humanos”, constata Fábio Rogério Nepomuceno, diretor da escola. Ele conta que além da trilha em si, os estudantes também produziram vídeos, chegando inclusive na final do concurso de vídeos produzidos pelo projeto.

Conscientização pelo *stop motion* para o ODS 12: Consumo e Produção Responsáveis

“Julgo que o tema dos ODS perpassa todas as instâncias de nossas vidas, e a escola sendo o veículo de formação humana e cultural necessita inserir as crianças nesse universo”, afirma Jackeline Rejane Marques, professora Orientadora de Informática Educativa – POIE da EMEF Olival Costa, DRE São Mateus. Ela tem trabalhado a produção de vídeos em animação com pequenas histórias, no

intuito de disseminar a mensagem do ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis.

A escolha de trabalhar com vídeos em animação *Stop Motion* (técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto para simular o seu movimento), segundo a professora, além de contemplar Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento presentes no nosso atual Currículo da Cidade de São Paulo, vai ao encontro da preferência das turmas. Vemos, na atualidade, o surgimento de uma nova profissão: os *digital influencers* e *youtubers*. “Eles são verdadeiros influenciadores na formação da opinião de muitas crianças e adolescentes. Nesse sentido, acredito que usar estas ferramentas: vídeo e redes sociais, seja uma forma de empoderá-los no intuito de protagonizarem sua própria aprendizagem, sendo potencializada pela ideia de disseminar a mensagem dos ODS, especialmente do ODS 12. O próprio fato de permitir o acesso, uso e reflexão sobre essas ferramentas digitais já nos permite contemplar o ODS 4, qualidade da educação, ao passo que promovemos a inclusão digital dos estudantes”, conclui.

Escolas municipais em todas as regiões da cidade produzem telejornal sobre os ODS

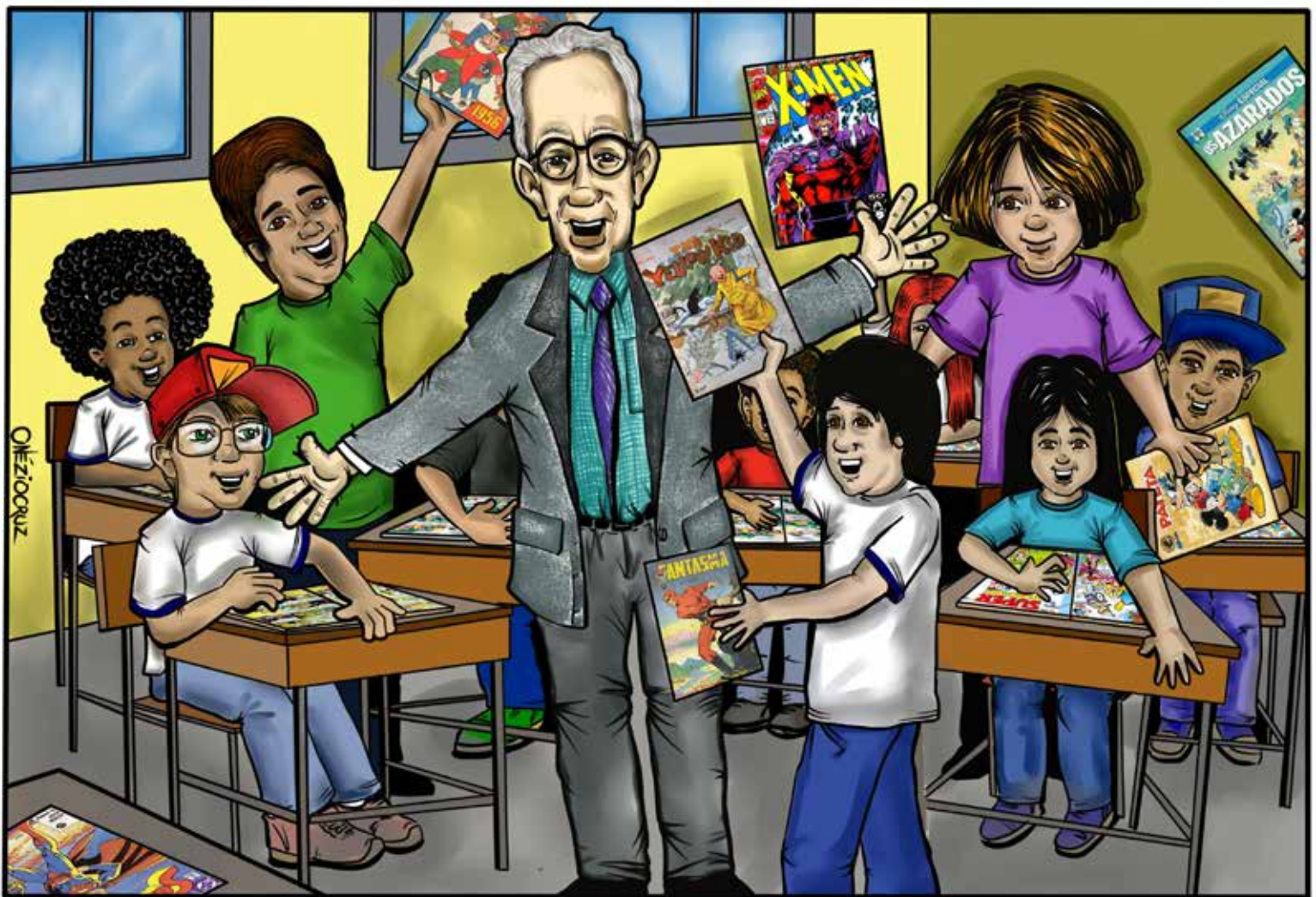
O curso Imprensa Jovem Online, uma iniciativa do Núcleo de Educomunicação da SME de São Paulo, trabalhou a temática dos ODS com os professores e um dos resultados foi a produção de programas de telejornalismo, produzidos por estudantes da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, juntamente com seus professores, sobre a Agenda 2030. A equipe de formadores do IJO Online disponibilizou todos os vídeos em um mapa da Cidade de São Paulo virtual e georreferenciado, disponível em: encurtador.com.br/rsDQX ■

Referência

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ONU, 2015.
Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>



Histórias em quadrinhos como recurso pedagógico em sala de aula



No ano de 1954, o psiquiatra alemão Fredric Wertham, radicado nos Estados Unidos e que ocupava o cargo de chefia do maior hospital psiquiátrico de Nova York, o Bellevue, publicou o livro “Seduction of the Innocent” (Sedução dos Inocentes). Nesse livro, o autor denunciava que as revistas em quadrinhos, tão difundidas na época, representavam uma ameaça para as crianças. Seus efeitos nefastos, segundo Wertham, incluíam a delinquência juvenil, a discórdia entre irmãos, maus hábitos alimentares, estimulavam a homossexualidade e prejudicavam a formação do caráter.

A publicação desse livro foi antecipada por uma série de artigos que Wertham começou a publicar a partir de 1948, relatando supostos resultados de pesquisas que ele desenvolvia e que associavam a leitura dos quadrinhos com a violência. Contudo, a professora e pesquisadora Annallee Newtiz (2013), da Universidade de Illinois, constatou, como resultado de uma pesquisa minuciosa que realizou no acervo particular de Wertham, arquivado na Livraria do Congresso americano, que o psiquiatra editou seletivamente seus dados, para que coincidisse com sua tese de que os quadrinhos eram responsáveis pelo comportamento antissocial, especialmente entre adolescentes.

Após a publicação do livro Sedução dos Inocentes, Wertham passou a ser reconhecido como uma autoridade na correlação quadrinhos e delinquência, chegando a ser chamado para testemunhar no Subcomitê do Senado Americano que investigava a delinquência juvenil. A despeito de que, no relatório final desse Comitê, os quadrinhos não fossem considerados culpados por crimes, foram formuladas algumas recomendações dirigidas aos editores de revistas em quadrinhos, para que mudassem voluntariamente o conteúdo das revistas que publicavam.

Entendendo isso como uma ameaça velada, os editores criaram o que ficou conhecido como “Comics Code Authority”, um código de autocensura, que permaneceu em vigor até o início dos anos 1970.

Embora Wertham sempre negasse que fosse a favor da censura, chegando a declarar, no início dos anos 1970, que as histórias em quadrinhos eram válidas e construtivas, o jornalista Álvaro Oppermann, no artigo que publicou na revista Superinteressante (2004) sobre a saga do psiquiatra contra os quadrinhos, declara que Wertham ficará conhecido na história como “o doutor que odiava heróis”.

Baseando-se nas opiniões de Wertham, autoridades políticas, civis, religiosas e educacionais passaram a demonizar as revistas em quadrinhos. Até a consolidação da televisão como um veículo de comunicação de massa, fenômeno iniciado no início dos anos 1950, as revistas de histórias em quadrinhos eram o grande veículo de comunicação de massa, lidas por crianças, adolescentes, jovens e mesmo por adultos que, particularmente nos Estados Unidos, eram ávidos leitores de revistas em quadrinhos. Contudo, não havia na ocasião critérios de adequação de conteúdo à faixa etária.

O bibliotecário Diego Monsani, para obtenção do título de mestre na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fez desse tema, adequação de conteúdo de revistas em quadrinhos destinadas ao público infantil e adolescente em ambiente escolar, objeto de pesquisa. Os resultados da pesquisa foram publicados em 2009, revelando que, embora livros e revistas com conteúdo em quadrinhos façam parte do acervo das bibliotecas escolares, grande parte dos responsáveis por essas bibliotecas não tem critérios de seleção para a aquisição de obras. Cabe lembrar que, a partir dos anos 1970, as histórias em quadrinhos passaram a ser valorizadas e reconhecidas como relevantes objetos

Pedagogo, mestre e doutor em Ciências (UNIFESP e USP). Pós-Doutorando (ECA-USP): Projeto Biografia em quadrinhos de mulheres negras cientistas brasileiras. Integra a equipe do Núcleo de Educação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Baseando-se nas opiniões de Wertham, autoridades políticas, civis, religiosas e educacionais passaram a demonizar as revistas em quadrinhos.

pedagógicos e com valor educacional (CALAZANS, 2008; VERGUEIRO; RAMOS, 2009; RAMA; VERGUEIRO, 2016; NOGUEIRA, 2017).

Um dos bibliotecários entrevistados por Monsani mencionou que o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, responsável pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, mandou retirar do acervo das bibliotecas escolares uma obra em quadrinhos enviada às escolas pelo PNBE, que havia sido alvo de crítica em veículos de comunicação por causa de sua falta de adequação ao público de alunos da educação básica.

A publicação e distribuição de mangás no Japão são um bom exemplo do direcionamento de histórias em quadrinhos para públicos específicos. Uma particularidade dos mangás ou quadrinhos japoneses, populares naquele país desde os anos 1950, é a sua segmentação por faixa etária e gênero. As crianças de 6 a 11 leem Shogaku, quadrinhos de caráter educativo. Para os meninos de 12 a 17 anos, são produzidos os

temas românticos. Homens e mulheres adultos leem respectivamente os mangás Seinen e Redikomi/Jose, que tratam de temas mais maduros (LUYTEN 2001; LINSINGEN, 2007; CARLOS, 2009).

Com o advento da internet, diminuiu o consumo de mangás impressos no Japão, mas ainda assim trata-se, lá, de um fenômeno editorial que representa 40% do material impresso, movimentando em vendas, no ano de 2015, mais de R\$ 14 bilhões (GRAVET, 2006; TOBACE, 2015).

Vergueiro, que é coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos, sediado na Escola de Comunicação e Artes da USP, e que é um pesquisador referência dos estudos teóricos da área, destaca a utilização dessa mídia na sala de aula como recurso pedagógico: “no Brasil [...] o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs” (RAMA; VERGUEIRO, 2016).

Luyten e Lovreto, autores do manual “Efeito HQ”, disponível apenas na internet com acesso gratuito mediante cadastro, são exemplos de pesquisadores que, nos últimos anos, passaram a estudar as histórias em quadrinhos como prática pedagógica. Os professores passaram a ser incentivados a utilizar os quadrinhos como ferramenta de trabalho, pelo fato de serem adaptáveis e compatíveis para qualquer faixa etária e para abordar qualquer tipo de temática, desde as específicas que compõem as grades curriculares, bem como outros saberes imprescindíveis para a formação integral dos estudantes.

Calazans (2008) compartilha, no livro “História em Quadrinhos na Escola”, sua experiência no emprego dos quadrinhos como recurso de apoio didático em sala de aula. No final do livro, apresenta um levantamento bibliográfico fichado e comentado, mapeando a literatura que estava disponível na época que abordava as histórias em quadrinhos.

Aos interessados, é possível se aperfeiçoar na temáticas dos quadrinhos em cursos, oferecidos na modalidade EAD, tanto de qualificação, extensão, como de especialização. Procure por “Curso Quadrinhos em Sala de Aula”, “Curso Básico de Histórias em Quadrinhos” e “Especialização em Histórias em Quadrinhos

Sobre a produção de quadrinhos utilizando re-



Foto: Daniel Carvalho - FOVE - CM - COPED - SME

Shounen, histórias protagonizadas por personagens que agem com determinação e motivação, em enredos que envolvem lutas, muita ação, entremeados com roteiros cômicos e que tratam da amizade, coragem, lealdade e esporte. Já para as meninas adolescentes, na mesma faixa etária, os mangás Shoujo apresentam

cursos da internet, Franco (2004) nomeou este formato como HQtrônica. É o uso da velha e boa fotografia, agora digitalizada, para ser utilizada para produzir histórias em quadrinhos, a exemplo do passado, quando existiam as revistas de fotonovelas. Que tal, desafiar os alunos a fotografarem suas atividades no período de férias e na primeira semana de retorno às aulas apresentarem numa montagem em quadrinhos, a versão em HQ daquela famosa redação: Como foram suas férias?

Existe um farto material disponibilizado na internet, a maioria pago, mas muitos que permitem gratuitamente um acesso limitado a alguns recursos, que podem ser utilizados pelos professores para trabalhar conteúdos pedagógicos utilizando as histórias em quadrinhos. Na escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, nos computadores das salas de informática está instalado o software “Hagáquê”, que disponibiliza recursos básicos para um projeto de criação de histórias em quadrinhos. A novidade agora é que aplicativos para celular transformam fotografias em quadrinhos. A criatividade dos professores e dos estudantes poderá utilizar esses recursos para a elaboração de histórias em quadrinhos muito interessantes. Experimente você também!

Formação em HQ pela SME

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, por meio do Núcleo de Educomunicação, oferece, desde 2018, o curso de formação: “Histórias em Quadrinhos como Recurso Pedagógico em Sala de Aula”. Até o presente momento, foram ministrados sete cursos em diferentes Diretorias Regionais de Educação – DREs. São disponibilizadas de 25 a 30 vagas em cada curso, que são ministrados em 20h.

No curso de histórias em quadrinhos são abordados aspectos teóricos do recurso pedagógico das histórias em quadrinhos, contudo, o curso tem um caráter prático. Os professores experienciam em um exercício de roteirização e produção editorial (divididos em grupos de trabalho) aquilo que propõem aos seus estudantes em sala de aula ou

A velha e boa fotografia, agora digitalizada, pode ser utilizada para produzir histórias em quadrinhos, a exemplo do passado, quando existiam as revistas de fotonovelas.

em projetos no contraturno. Ou seja, antes de desenvolverem propostas pedagógicas de histórias em quadrinhos na sala de aula ou na escola, os professores colocam a “mão na massa”, melhor dizendo, no papel e no lápis, e produzem em grupo (produção editorial) uma história em quadrinhos, trabalhando a escolha do tema, bem como a elaboração do roteiro, a divisão da página em quadrinhos, a escolha de personagens, a inserção de balões (que podem ser de texto, pensamento ou outro), a escrita sintética dos diálogos, a inserção de linhas cinéticas, onomatopeias, escolha de enquadramento, enfim, trabalham com os elementos que compõem a linguagem dos quadrinhos e, no final, os grupos socializam suas produções.

A oferta dessa formação, bem com as demais organizadas pelo Núcleo de Educomunicação, pode também acontecer sob demanda das Diretorias Regionais de Educação – DREs e, no caso das Unidades Educacionais, a demanda pode ser para um workshop ou para uma visita técnica.

Para concluir, as histórias em quadrinhos fazem parte do repertório de literatura lúdica dos estudantes, portanto, ao serem introduzidas como recurso pedagógico em sala de aula, a proposta partirá de algo já conhecido e apreciado por eles. Trata-se ainda de uma proposta de custo praticamente zero, uma vez que é utilizado na sua produção papel sulfite, lápis, borracha, régua, lápis de cor e/ou canetinhas coloridas. Pode-se ainda trabalhar com o software HagaQué, disponível nas salas de informática das Unidades Educacionais. Além disso, com o recursos de recentes aplicativos para celulares, pode-se transformar as fotos arquivadas em quadrinhos e, adicionando-se ba-



Foto: Roberto Tersi - FOVE - CM - COPED - SME

lões de fala, é possível elaborar histórias em quadrinhos, nas quais os personagens podem ser os próprios estudantes transformados em personagens das histórias elaboradas individual ou coletivamente.

Aos interessados, é possível se aperfeiçoar na temáticas dos quadrinhos em cursos, oferecidos na modalidade EAD, tanto de qualificação, extensão, como de especialização. Procure por “Curso Quadrinhos em Sala de Aula”, “Curso Básico de Histórias em Quadrinhos” e “Especialização em Histórias em Quadrinhos”. ■

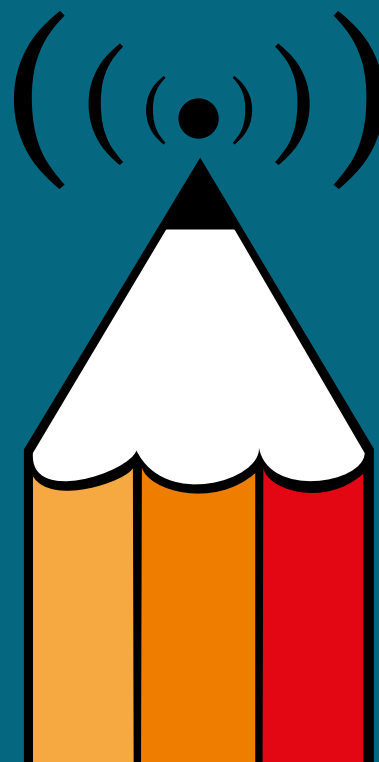
Referências

- CALAZANS, F. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2008.
- CARLOS, G. S. **Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0436-1.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- FRANCO, E. S. **HQtrônicas: do suporte papel à rede internet**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.
- GRAVET, P. **Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.
- LINSINGEN, L. Von. Mangás e sua utilização pedagógica no ensino de ciências sob a perspectiva CTS. **Ciência & Ensino**, v. 1, nov. 2007. número especial.
- LUYTEN, S. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2001.
- LUYTEN, S. B.; LOVETRO, J. A. Efeito HQ. Disponível em: <http://efeitohq.com>. Acesso em: 12 nov. 2019
- MONSANI, D. **Biblioteca escolar: um lugar para quadrinhos?** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22712/000740400.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 nov 2019.
- NEWITZ, A. How one man's lies almost destroyed the comics industry. 2013. Disponível em: <https://io9.gizmodo.com/how-one-mans-lies-almost-destroyed-the-comics-industry-5985199>. Acesso em: 25 nov 2019.
- NOGUEIRA, N. A. S. **As histórias em quadrinhos e a escola**. Leopoldina: ASPAS, 2017.
- OPPERMANN, A. O doutor que odiava heróis. **Superinteressante**, 31 maio 2004. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-doutor-que-odiava-herois/>. Acesso em: 13 nov. 2019.
- RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2016.
- TOBACE, E. Um brasileiro no fechado mundo do mangá japonês. **BBC News Brasil**, 28 dez. 2015. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151220_manga_brasileiro_et_1k. Acesso em: 05 nov. 2019.
- VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (org.). **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009.

Relato 1

Escola Florestan

10 anos de Educomunicação



Eu me chamo Maria Helena Beserra Moreira, professora do Ensino Fundamental, natural de Buíque/Pernambuco. Resido em São Paulo há 30 anos, sou casada e tenho dois filhos. Sou Pedagoga pela Universidade Santo Amaro e Psicopedagoga pela FAMOSP. Trabalho na Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo desde 1990 e, nos últimos 22 anos, leciono na Escola Municipal Professor Florestan Fernandes, onde, em 2007, fui designada como Professora Orientadora de Informática Educativa – POIE. Após dois anos (2009), assumi a proposta com o diretor Marivaldo Souza (hoje aposentado) para atuar junto aos estudantes interessados em participar na produção e divulgação dos eventos realizados na Unidade Educacional. Oferecemos a eles orientação, acesso aos equipamentos de som e de informática, além dos espaços da escola. Com isso, o interesse e o engajamento dos estudantes cresceram de forma extraordinária. Neste mesmo ano, por ocasião da Mostra Cultural, organizamos o primeiro programa de rádio para ir ao “ar”, tendo sua continuidade no horário do recreio.

Esse movimento inovador e criativo empolgou ainda mais nossos estudantes, resultando em novas adesões ao projeto, ampliando suas intenções e possibilidades, bem como a criação de um ambiente virtual para divulgar as imagens das atividades realizadas pela escola. Assim, o emefflorestan.blogspot.com se tornou o principal canal de divulgação das ações realizadas pelos estudantes dentro do espaço escolar, como também em eventos educacionais externos por eles representados. Além disso, nossos estudantes não só criaram um Jornal Mural e uma conta no Twitter com foco na divulgação desses eventos, mas também produziram um canal no YouTube contendo diversas reportagens, entrevistas e produções audiovisuais realizadas por eles próprios.

Pela Secretaria Municipal de Educação estavam em andamento os programas Nas Ondas do Rádio e Imprensa Jovem, que contribuíram para oferecer formação para professores e gestores nas Diretorias Regionais, em oficinas de rádio, jornal mural e blog. Passamos a frequentar esses espaços para aprender e compartilhar os novos conhecimentos, inclusive participamos do curso de Mestres

de Cerimônia oferecido pelo Cerimonial da Secretaria de Educação com presença de três estudantes.

A cada ano que passa, o grupo se renova e amplia sua criatividade, apropriando-se das novas possibilidades tecnológicas e comunicativas.

Neste ano, com o Projeto de Educomunicação da escola Florestan Fernandes completando dez anos, podemos ver a transformação que ocorreu na vida de tantos meninos e meninas que passaram por aqui. Esses fizeram a diferença na escola e nos demais locais em que estão inseridos. São jovens que têm uma postura notável por onde passam. Eles mantêm o vínculo conosco e falam de suas boas escolhas, aprenderam fazendo de maneira significativa, experimentando. A maioria deles nos conta histórias de sucesso e isso é muito gratificante para nós que acreditamos no potencial e criatividade deles.

Maria Helena Beserra Moreira
Professora

Em 2009, a equipe gestora, sob a direção do Marivaldo Souza, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Florestan Fernandes, localizada na Cidade de São Paulo, juntamente com a professora Maria Helena Beserra Moreira decidiram incentivar a participação dos estudantes no processo de preparação e divulgação de eventos realizados na escola, nasceu então o Projeto Educomunicadores Florestan. Com a implantação do projeto, os estudantes têm a oportunidade de aproveitar mais os recursos tecnológicos disponíveis na escola, em momentos além do horário normal de aula. Eles sugerem, criam e divulgam informações por meio do Blog dos Estudantes (que já passa de 300 mil visualizações) e do Jornal Mural.

Os Educomunicadores também fazem a cobertura jornalística dos eventos, atuam como mestres de cerimônia e fundaram a Rádio Florestan, que logo se tornou a queridinha dos estudantes. Os programas vão ao ar durante os intervalos e fazem a alegria da galera.

Atualmente, somos 30 educadores ativos, sendo que, de 2009 a 2019, passaram pelo projeto aproximadamente 300 estudantes. Alguns que já se formaram continuam colaborando e auxiliam nas formações multiplicando saberes.

Por Educomunicadores Florestan

Depoimento dos estudantes

a escola me ofereceu e continua oferecendo para tantos outros jovens.

Alessandra de Lima Felix, 21 anos
Estudante de Serviço Social – Uninove

Eu me chamo Alessandra de Lima Felix, tenho 21 anos e estudo Serviço Social, mas é claro que minha caminhada estudantil começou há bem mais tempo. Eu fiz o Ensino Fundamental na EMEF Professor Florestan Fernandes e fui educadora de lá. O projeto trabalha muito o protagonismo dos estudantes, o que lhes dá autonomia para, futuramente, lidar com os desafios da vida. Eu aprendi muito durante esse tempo, posso dizer que fazer parte disso moldou muito o meu caráter e é responsável por grande parte do que eu sou agora. O trabalho que a professora Helena Moreira vem realizando com os educadores é simplesmente sensacional, não só porque fez a diferença na minha vida, mas também porque agora, como estudante de Serviço Social, entendo o quão importante e necessário é ter pessoas que acreditam no seu potencial, e a EMEF Florestan acredita nos seus estudantes. Eu sou eternamente grata ao que

Entrei no Projeto Educomunicadores Florestan em 2011 e nele vivenciei a experiência mais significativa da minha vida. Depois que entrei no projeto, comecei a passar parte das minhas tardes na escola, auxiliando a professora Helena Moreira em suas aulas no Laboratório de Informática Educativa, depois diagramando o Blog dos Estudantes, produzindo vídeos sobre os eventos que participávamos e atuando no Imprensa Jovem. Com o passar do tempo, comecei a controlar a mesa de som dos eventos realizados na escola, a atuar como mestre de cerimônia e locutor na Rádio Florestan. Por meio dessas experiências, eu consegui desenvolver muito a minha capacidade de comunicação e, por meio dessas vivências, confirmei o sonho da minha vida de ser professor.

Wesley Rodrigues, 20 anos
Estudante de Educação Física – USP



Todo meu Ensino Fundamental foi cursado na EMEF Florestan Fernandes. Em meio a esses oito anos letivos, tive a oportunidade de fazer parte de diversos projetos da escola, entre eles destaco a vivência no Projeto Educomunicadores, no qual, sob orientação da professora Helena Moreira, pude desenvolver o gosto pela comunicação e pelo mundo da mídia digital. Ser um educador é estar exposto a todo o momento a experiências de trocas de ideias, em que você ensina e, ao mesmo tempo, aprende. As atividades realizadas durante esse período ajudaram-me no desenvolvimento pessoal e pedagógico, um exemplo claro disso foi quando tive contato com entrevistas e mediação de eventos que ajudaram a resolver meu problema de timidez. Hoje, já no mercado de trabalho, vejo que algumas experiências desenvolvidas pelo projeto contribuem na execução de diversas tarefas. Dessa forma, posso dizer que, além da proposta pedagógica, o Projeto Imprensa Jovem fomenta também as práticas no âmbito profissional.

Michael Aquino, 18 anos – Estudante formado, Ensino Médio

Quando entrei no projeto, por volta da 4ª série, passei por várias experiências, como ficar à frente ou atrás das câmeras, onde logo me identifiquei. A grande oportunidade para que os participantes possam encontrar seu espaço é o motivacional, pois, assim, cada um sabe o que fazer, tendo resultados gratificantes na nossa produção, em que sempre prezamos pela qualidade. No Projeto Educomunicadores, pude expressar minhas ideias, aprender diversas coisas que, possivelmente, não conseguiria em nenhum outro lugar. Minhas funções na Rádio Florestan, edições de vídeo, foto, desenvolvimento dos designs e, por ter mais experiência, me possibilitaram ensinar os outros estudantes para que as produções continuassem. Hoje, mesmo depois de formado, ainda contribuo com o projeto.

Lucas Moreira, 16 anos, 3º ano do Ensino Médio

Fazer parte do projeto Educomunicadores foi muito gratificante para mim. Além de me oportunizar a participação em eventos na escola e na Rede Municipal, colaborou para o desenvolvimento do

meu senso crítico, das minhas habilidades e da minha formação como cidadão. Participei das mais diversas atividades, que enriqueceram meu conhecimento e acrescentaram em meu currículo. Entre minhas atuações no projeto, destaco a diagramação do Blog dos Estudantes, atualmente com mais de 300 mil visualizações. Por meio desta atividade, desenvolvi minha capacidade de redigir textos e tratar imagens, bem como “vivenciar” o dia a dia de um repórter. Acredito que tudo que aprendi colaborou muito para a minha formação; as habilidades comunicativas que desenvolvi me ajudam diariamente. Enfim, a oportunidade de protagonizar algo, de fato, me fez ver que todos têm capacidades e que só precisam ser desenvolvidas.

Renato Braz, 16 anos, 1º ano do Ensino Médio

Se fosse para definir o Projeto Educomunicadores em uma palavra seria APRENDIZADO, aprendizado que vai muito além dos workshops de fotografia, é aprendizado como ser humano. Poder transmitir aos colegas mais novos o conhecimento que adquiri foi uma das muitas coisas boas que esse projeto me proporcionou, ser estudante mediador e, além de ensinar, aprender. O Projeto Educomunicadores é uma porta aberta para vida; é a oportunidade que concede a nós, estudantes, o novo; nos dá a base para que possamos crescer, nos acolhe e nos ensina a voar. Sou grata a este projeto e a todos que nele estão envolvidos; agradeço à professora Helena por tudo que fez e faz por este projeto e por tudo que nos ensinou, passarei meu conhecimento adiante com o maior orgulho e gratidão.

Mikaely Aquino, 15 anos – 9º ano

Meu nome é Thainá do Carmo Lourenço, estou cursando Ensino Fundamental II, na EMEF Professor Florestan Fernandes. Entrei no Projeto Educomunicadores há três anos, e isso realmente mudou a minha vida, não só acadêmica, mas também a pessoal. O projeto me mostrou como o mundo é lá fora de uma forma mais lúdica e é isso que ele tenta passar para todas as pessoas que dele participam. A todo momento estou aprendendo. O que mais se destacou nesses três anos foi a fotografia, e hoje estou fazendo curso para

aprimorar. Essa vivência me desperta interesse em diversas coisas, que antes eu não observava.

Thainá do Carmo Lourenço, 14 anos – 8º ano

Eu sou a Ana Julia, tenho 13 anos e estou no sétimo ano. Desde o quinto, já tinha vontade de participar do Projeto de Educomunicadores. Sempre observava, achava muito legal mexer com computadores, tirar fotos na escola e nos ambientes externos. Então procurei a professora, me inscrevi e entrei no projeto em 2018. Para mim, foi e continua sendo uma experiência bem legal e diferente, pois já consegui fotografar algumas atividades dentro e fora da escola, fui mestre de cerimônia e ajudo no Blog dos Estudantes. Gosto de estar no projeto, porque com ele vou aprendendo coisas para a vida e pretendo continuar; acho muito legal as atividades que desenvolvemos porque no blog, por exemplo, as pessoas de fora, responsáveis e outros estudantes podem ver as atividades que acontecem aqui.

Ana Júlia Martins, 13 anos – 7º ano

Eu me chamo Kaique Miquelino, tenho 13 anos e participo do Projeto Educomunicadores da EMEF Florestan Fernandes. Comecei o projeto quando tinha apenas oito anos de idade, por volta do terceiro ano do ciclo I, lembro-me que quando observava aqueles estudantes tirando foto, sendo mestres de cerimônia e fazendo parte da rádio, sem dúvidas era empolgante, dava prazer de ser um educomunicador. Desde pequeno, já gostava de mexer com tecnologia, era bem interessante e divertido. Quando entrei no projeto foi legal porque fiz amizades e aprendi coisas bem interessantes. O que eu mais gostava e ainda gosto é de tirar fotos, é divertido usar uma máquina tão moderna e fotografar em vários ângulos, eu também gosto muito de editar vídeos. Essa experiência me ajudou muito, não por aprender a tirar foto e mexer na rádio, mas me deu mais concentração nos estudos, e a professora sempre nos falou para ter respeito aonde quer que a gente vá. Eu espero que o projeto nunca acabe e dure para sempre, porque como eu estou aprendendo, outras crianças podem também aprender.

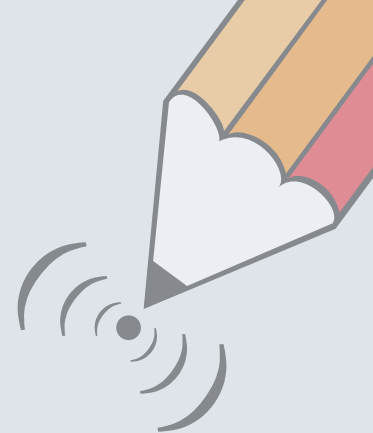
Kaique Miquelino de Souza Bandeira – 7º ano A

Meu nome é Danilo e sou educomunicador. Entrei no projeto porque via estudantes tirando fotos, ajudando a professora na sala de informática e fiquei curioso para saber como era fazer parte disso. Então, falei com a professora e logo ela me chamou dizendo que eu podia iniciar na outra semana. Quando eu entrei no projeto, eu aprendi a tirar fotos, a mexer com programas de edição, animação e de áudio. Eu gosto mais de tirar e selecionar fotos para o blog e gosto também de ser mestre de cerimônia; na primeira vez que participei, fiquei bem nervoso, mas era o que eu queria ser. O projeto me ensina muitas coisas.

Danilo Nascimento Freire Sales, 11 anos – 6º ano

Fundada em 2017, Elevs Studio's é uma empresa que atua no ramo audiovisual e foi fundada por ex-alunos da EMEF Florestan Fernandes, que participaram do Projeto Educomunicadores. Com a empresa, os estudantes Guilherme Alves, Lucas Moreira e Michael Aquino quiseram aplicar o aprendizado obtido em um ambiente escolar na vida profissional. “Buscamos sempre nos aprimorar em relação às adaptações que o mercado exige, visando diferentes técnicas, explorando majoritariamente as qualidades de acesso e de produto”. A posição inicial da empresa deve-se, sobretudo, à liberdade e dedicação tida anteriormente em um Projeto de Educomunicação realizado na EMEF Prof. Florestan Fernandes, na qual seus fundadores e profissionais exerceram um papel fundamental de liderança, trabalho em equipe, comunicação e interdisciplinaridade. Desse modo, a Elevs Studio's ressalta a importância do Projeto para sua idealização, pois a participação como educomunicadores permitiu uma ascensão pessoal e formação crítica, além de muitas outras habilidades, que raras instituições de ensino oferecem.

O Projeto Educomunicadores é uma porta aberta para vida; é a oportunidade que concede a nós, estudantes, o novo; nos dá a base para que possamos crescer, nos acolhe e nos ensina a voar.



Relato 2

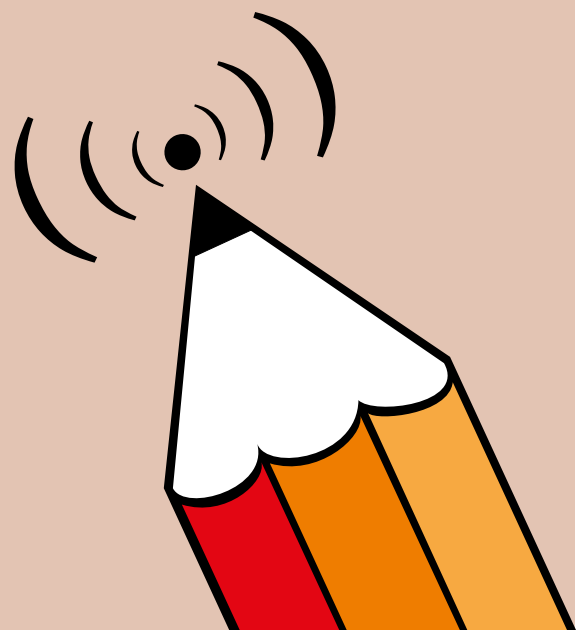
Nossa EMEF é assim...

Estudantes descrevem rotina que têm na escola, destacando seu desenvolvimento nas atividades extracurriculares que frequentam, entre as quais o Imprensa Jovem

Relatos de:

Carlos do Nascimento dos Santos, João Pedro de Oliveira Moraes da Silva, Nayara Milene da Costa de Campos, Karoliny Vitória Peixe da Silva, Ramon dos Santos Ferreira, Ryan Caio Santos Silva, Eduarda Vitória Leite Gomes, João Victor Gonçalves Vilas Boas, Thiago Silva Jeronimo, Michel Pestana Gonçalves de Souza, Amanda Ketlyn Miranda Silva, Michael Bernardino da Silva, Gabriel Veríssimo Ribeiro e Manuella Magalhães¹

Orientadores: *Alexandro de Oliveira e Janaina Rodrigues*



A EMEF Prof. Enzo Antonio Silvestrin fica na zona noroeste da Cidade de São Paulo e há, aproximadamente, 3 anos está no processo de implantação de um projeto na escola, em busca de uma educação com autonomia e reflexão, em busca de uma formação em que as pessoas sejam atuantes na sociedade e críticas em relação às suas realidades.

Uma quinta-feira dessas, do ano de 2019...

Dia de tutoria, acordo 6h30 para 6h50 chegar à escola. No refeitório, pego uma maçã, a aula começa 7h e o portão fecha 7h10, minha tutoria é sobre “saúde física e emocional”, nós conversamos sobre: depressão, doenças psicológicas, drogas, etc...

A tutoria é um tipo de aula “diferenciada”, em que focamos em um certo tema que trabalharemos o ano inteiro. São diversos tipos de temas, então os alunos têm a liberdade de escolher algo em que se “encontrem”, que estejam interessados.

Nos 8^{os} e 9^{os} anos, as turmas de tutoria são montadas de acordo com a escolha do tema feita pelos alunos. Normalmente são dois professores para atender cada turma e a programação de atividades inclui leituras, debates, filmes, passeios no território, etc.

O que os alunos dizem:

“Muito bom achar algo de que se gosta para fazer, para se enturmar, fazer novas amizades, o que nos ajuda na convivência social.”

“Mudou bastante, falar sobre o que queremos mudar na escola (dar nossa opinião); acho interessante a vinda de psicólogos nas tutorias; conversa entre professores e alunos.”

“Importante para a evolução do aprendizado dos alunos.”

Passado o primeiro tempo, vou para a aula de Português, temos aula de gramática, escrita e oratória. Hoje, por exemplo, é dia de debate. Os grupos foram formados “a favor” ou “contra” um tema atual que escolhemos para debater. Tivemos tempo de pesquisar e estudar para conseguir argumentar sobre nossa posição, que não é exatamente a que temos sobre o tema, mas só de pesquisar mais sobre, muitas pessoas já tiraram alguns estereótipos da cabeça.

Hora do intervalo, desço para o pátio e encontro a Manuela voltando para sala, ela é do 5º ano e agora terá atividade de eletiva com as turmas.

Meu último tempo será “travessia” que é uma aula de preparação para as provas de concurso, tipo ETEC e São Luís.

E na travessia estudamos, por exemplo, a leitura de provas – que ensina você a ler a prova da maneira certa, respeitando as pontuações e tentando entender a pergunta, lendo devagar e com paciência.

A travessia foi criada porque ex-alunos deram uma sugestão de estudos de matérias que têm na prova de concurso.

Depois desse último tempo, vamos para o almoço. O período da manhã acabou, mas, das 12h às 13h30, há muitas atividades pela escola do projeto Mais Educação.

O projeto Mais Educação é uma política pública à qual a escola aderiu, para acrescentar mais conhecimento e interesse para participar de atividades dentro da escola, como esportes (futebol, vôlei), atividades culturais (Imprensa Jovem, cine-clube, jornal), atividades musicais (flauta), tecnológicas (animação, informática) e artística (dança, pintura).

Minha visão como aluno é de que os projetos são muito bons para os alunos, ajudando-os em atividades que têm dificuldade ou para experimentar outras linguagens.

À tarde, os portões abrem mais cedo para que os alunos possam ter tempo para almoçar. O sinal marca o início das aulas às 13h30.

Os tempos do Ensino Fundamental II são iguais à tarde, mas a tutoria funciona de outro jeito, também tem as aulas eletivas e, nesse momento, ainda não tem travessia.

A eletiva é uma atividade interativa, que dá oportunidade aos alunos de desenvolverem uma

Os grupos foram formados "a favor" ou "contra" um tema atual que escolhemos para debater. Tivemos tempo de pesquisar e estudar para conseguir argumentar sobre nossa posição.

nova capacidade e aprenderem as coisas de uma forma diferente. Cada um pode escolher de qual quer participar e, uma vez por semana, no período de 1 hora e meia, praticam atividades como: cubo mágico, customização, robótica, xadrez etc. As eletivas da escola têm a função de enriquecimento cultural, de aprofundamento e/ou atualizações de conhecimentos específicos que complementem a formação acadêmica dos alunos em geral. Este semestre, uma das eletivas é oferecida por um estudante da escola, isso mesmo, um colega nosso é responsável pela eletiva de Imagens Digitais.

A tutoria da tarde é para os 6^{os} e 7^{os} anos: com a perda do professor referência que existe até o 5^o ano, em que é mais possível o acesso e a conexão. O professor tutor (além de buscar o histórico do aluno) pretende estreitar laços para colaborar com a vida escolar de cada um em sua tutoria, realizando atividades combinadas e de interesse do grupo.

As aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Língua Inglesa têm tempos diferentes também (não são 45 min) e em salas ambiente.

A nossa escola tem um espaço de fala aberto para os alunos, que podem opinar a qualquer momento e tem alguém pronto para ouvir, e isso é muito bom.

Há uma grande confiança nos alunos, deixando-os andarem "livremente" pelo espaço e isso requer confiança, que é a base do respeito: existem muitos professores que confiam nos alunos e alunos que confiam nos professores.

Há umas duas semanas, aconteceu a feira da Cultura Periférica, em que tivemos muitas atividades da periferia, como: fazer pipas, customização, dread, lambe lambe, stencil, pulseiras etc. Muito legal que alguns alunos se ofereceram para participar fazendo oficinas! Foi uma movimentação geral pela escola, mas todos estavam realizando alguma atividade.

E o fundamental I? Eles têm os tempos de concentração, em que o professor regente dá atividades dos componentes curriculares, há aulas de especialistas (leitura, informática, educação física, artes), atividades na horta, musicalização, culinária oficinas a partir do 3^o ano e eletivas, a partir do 5^o ano.

E tem muito mais! Fazemos passeios pelo território: no bairro e em centros culturais na Cidade de São Paulo. E projetos, como Aluno Monitor, Encontro das Minas e dos Manos...

Começamos o projeto Imprensa Jovem este ano e tentamos trazer essas informações para os alunos e também para a comunidade: muitos pais não sabem a quantidade de coisas que fazemos na escola, então reativamos a página do Facebook e já consideramos que o retorno está muito bom, porque antes não havia visualizações, curtidas ou comentários positivos e agora as pessoas estão interagindo na página.

Até fizemos um blog que iremos atualizar com as atividades da escola. Temos muito trabalho pela frente!



Entrevista

UNESCO ressalta a importância da escola rumo ao desenvolvimento sustentável

Entrevista com Rebeca Otero¹

Por

Maria Rehder

1. Maria Rebeca Otero Gomes, Coordenadora de Educação da UNESCO no Brasil. É mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília – UNB, onde é especialista em Saúde Pública pela Universidade de Campinas. UNICAMP.

No contexto do cumprimento da Agenda 2030, qual a importância de o Currículo da Cidade trazer de forma inédita a relação dos Objetivos de Aprendizagem com os ODS?

O currículo é uma importante ferramenta do sistema educacional. Relacionar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS aos Objetivos de Aprendizagem é uma forma de fazer com que a comunidade escolar se aproprie dos objetivos e metas globais acordados durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2015. Também é uma oportunidade de levar para a formação de professores e para os planos de aulas temas importantes para a sustentabilidade global nos âmbitos social, econômico e ambiental. Somente iremos alcançar os ODS, se tivermos a participação de toda a sociedade. A escola e o sistema educativo são primordiais para que as comunidades nas quais estão inseridos se envolvam e façam a sua parte nesse processo.

A UNESCO reconhece a escola como importante aliada no âmbito dos esforços globais para o alcance dos ODS em 2030. Por quê?

Com certeza, a inclusão dos ODS nos debates dentro das escolas qualifica a educação e envolve toda a sociedade no alcance das metas estabelecidas até 2030. Afinal, são nas escolas que formamos os alunos para que se tornem cidadãos globais. A escola inicia o ciclo para que, posteriormente, as pessoas possam alcançar o que denominamos de aprendizagem ao longo da vida. Além de educar crianças e jovens, a escola também se torna um importante propulsor de debates com as comunidades nas quais está inserida e tem uma grande capilaridade geográfica. Portanto, a Educação deve ser inclusiva,

equitativa e de qualidade. Só assim ela será capaz de servir como porta de entrada para todos os direitos dos cidadãos.

O que seria uma abordagem integrada para os ODS a partir da escola?

A abordagem integrada para os ODS, a partir da escola, significa trabalhar os temas dos ODS na sala de aula e fora dela, em todas as disciplinas. Ou seja, é auxiliar os alunos a relacionarem os ODS com o seu dia a dia. Por exemplo, nas aulas de Biologia é possível tratar de vários ODS, como o 3, o 6, o 12, o 13, o 14 e o 15. É importante ressaltar também que os objetivos são interdependentes e que para alcançarmos um, é necessário alcançarmos o outro. O ODS 4 busca “alcançar uma Educação inclusiva, equitativa e de qualidade ao longo da vida” e, portanto, é essencial para obtermos o Direito à Educação para todos. Além disso, é por meio da educação que um cidadão conseguirá ler uma bula de remédio e atingir também o ODS 3, por exemplo, que visa “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades”. A Educação também é instrumento para que as pessoas alcancem todos os outros direitos humanos. Portanto, a abordagem integrada relaciona todos esses ODS a partir da Educação.

Qual a importância de os estudantes incorporarem os ODS em suas práticas cotidianas?

É essencial, porque é a prática cotidiana, os costumes, bem como as atitudes e comportamentos que podem mudar o mundo para melhor. Quando falamos de desenvolvimento sustentável, falamos de três aspectos: econômico, ambiental e social. Muitas vezes, com um pequeno hábito diário, você pode contribuir para o desenvolvimento sustentável em todos esses pilares. Por exemplo, o tratamento do lixo e a reciclagem contribuem para o meio ambiente, uma vez que os dejetos tomam o destino correto evitando a poluição; para a economia, pois essa atividade pode gerar emprego para determinada comunidade; e para o social, uma vez que membros da comunidade encontram um meio de ganhar uma renda. Outros exemplos podem ser citados, tais como: o apoio aos migrantes, o trabalho voluntário, o trabalho de comunicação entre os jovens, a educação de pares, entre vários outros.

Rebeca Otero -
Coordenadora
de Educação da
UNESCO Brasil



Aconteceu na Rede

Uma pequena parte de quem faz parte deste mundo da EDUCOM





Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remixe, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Disponível também em: <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO